

A imagem é prioritária no proceder humano. O processo cognoscitivo humano é mediado pela imagem. A imagem é um formal que configura o energético. A atividade psíquica é um processo de formalização. Pensamento, memórias, sonhos, emoções, vontade, caráter, na sua redução última, não são mais do que imagens. As imagens são estruturas que determinam variáveis energéticas.

“A imagem é o símbolo que a energia usa ao interno de si mesma para fazer qualquer variável.”

O próprio campo semântico é um quântico formal e visivo, ou seja, implica processo de formação de imagens. Vidor sublinha que:

“As múltiplas variações orgânicas pressupõem um centro de ação que faz com que tais ações (variáveis) sejam configuradas em imagens.”

O termo imagem deriva da raiz latina in me ago, que significa: ajo em mim. “Como a forma age em mim ou em outro. O como da ação.” É a direção, o modo de um quântico energético. A imagem é um formulado quântico, ou seja, é produção de realidade. É concreto e nunca um solipsismo ou um acaso.

A compreensão da relevância das imagens para a realidade psíquica do cliente é fundamental àquele que deseje operar como ontoterapeuta.

Julgo relevante sublinhar trecho de uma conferência proferida por Meneghetti em 2002, no contexto de um residence voltado a lideranças, na qual discute a questão da imagem, destacando a importância dessa no devir evolutivo humano. O autor sublinha:

“É preciso saber ser precioso a si mesmo, porque — na interpretação dos sonhos — os sinais, os símbolos, como os expliquei, na realidade, são a radicalidade por meio da qual existe a díade. Por isso, primeiro existe o símbolo, a imagem, e sobre essa é impostada a ação. A imagem é antes da díade. Se se arranca o símbolo, arranca-se também a díade. Se se arranca a imagem, desfaz-se também a coação a repetir, liberta-se a própria mente da obsessão. Não é importante trabalhar na relação com as pessoas ou com os pais, mas com o sinal, com o símbolo.”

A coação a repetir refere-se à seleção temática estabelecida nos confrontos afetivos da primeira infância que, posteriormente, determinam, na vida adulta, um padrão de respostas que condicionam o sujeito. Ele não é novo nas soluções, mas repetitivo. A coação é a continuidade, adulta, da díade com o adulto-mãe.

O ontoterapeuta, como perseidade, técnico da inseidade humana, orienta e auxilia no processo de organização do entourage socioafetivo do cliente, mas substancialmente deve dar atenção às imagens que alimentam e sustentam as referências afetivas e relacionais do cliente, quer seja de modo acretivo, quer seja redutivo.

É a intervenção nesse mundo das imagens que consente a abertura do cliente ao novo de si mesmo (metanoia).

Em Ontoterapia, quando se fala em matriz reflexa, complexo, estereótipo, esses já são o a posteriori de uma intencionalidade psíquica formalizada, ou seja, de uma imagem.

Por tudo isso, o ontoterapeuta deve ter a máxima atenção ao mundo das imagens do cliente, quer sejam aquelas sensoriais, quer sejam aquelas oníricas.

“A imagem sensorial dá a informação do contexto e a imagem onírica dá o modo de passagem da alma para a realização. A mente projeta nas imagens seu saber e decifra o útil e funcional em base ao critério de vantagem para viver e realizar o homem na história.”

A realidade onírica possui papel central na Psicoterapia Ontopsicológica. Meneghetti dedica três de seus livros especificamente para discutir essa realidade, bem como a relevância da imagem para a psique humana.

Dentre as fontes que contribuem para o entendimento da Escola Ontopsicológica sobre os sonhos, e cujo estudo é recomendado a quem deseje formar-se ontoterapeuta, estão: Artemidoro, Freud, Bonime e Gutheil.

O sonho, na abordagem ontopsicológica, é entendido como “espelho holístico da atividade orgânica e funcional do nosso existir.”

O resgate etimológico dos termos “sonho” e “onírico” auxilia a compreensão conceitual.

O termo “sonho” origina-se do latim *se omnium* e significa: “o que diz tudo de si”, ou ainda: “o indivíduo em relação ao todo, a todos, de todos.”

De outra parte, oniologia (*ὄνειρος*, sonho, e *λόγος*, estudo) “corresponde à ideia lógica do próprio ser.”

A Grafia Onírica e a Interpretação dos Sonhos na Ontoterapia

No edifício teórico e, em particular, na clínica ontoterapêutica, a grafia onírica reveste-se de importância fundamental. O sonho consente verificar as intencionalidades presentes na dinâmica psíquica do sonhador. Por meio dessa informação, tem-se a possibilidade de identificar:

o modo de mover-se do Eu (verificação dos resultados das escolhas existenciais);

a informação ôntica (passagem resolutória criativa);

a realidade da matriz reflexa, do complexo, e das dinâmicas socioambientais.

A grafia onírica expõe:

a) a situação atual do sonhador;

b) a causa da situação;

c) a solução segundo seu critério de natureza.

As imagens, no contexto ontoterapêutico, são interpretadas sempre a partir do critério-base do utilitarismo biológico e funcional do cliente. Essa é uma distinção fundamental na metodologia ontopsicológica, especialmente no que se refere às imagens oníricas.

A positividade de uma imagem no sonho é determinada pelos efeitos que materialmente e biologicamente ela produz — não segundo o significado de mitos, de culturas ou dos estereótipos de comportamento.

Ou seja, a Escola Ontopsicológica baseia a interpretação dos sonhos no significado biológico e efetivo para a funcionalidade existencial do sonhador.

Esse critério-base — o biológico — permite estabelecer princípios para a interpretação de um símbolo inerente ao humano. São três:

1. Natureza causal do símbolo

O valor do símbolo é determinado pelo que ele produz para o homem, ou seja, por sua causalidade em si.

2. Efetividade funcional para o sujeito

A validade do símbolo é determinada por sua eficiência funcional para o sujeito.

No interior do traçado onírico, o ontoterapeuta deve ser capaz de colher essa lógica. Com esse critério, observa-se a validade do símbolo por sua “relação a”.

“A verdade é reconhecida pelos frutos, e são somente eles que identificam a árvore.

Somente os efeitos obtidos pelo sujeito convalidam ou invalidam o símbolo.” [239]

3. Critério semântico

Este critério indica a direção da ação. Com ele, responde-se à pergunta: para onde vai e a quem o símbolo diz respeito?

O critério semântico também permite identificar o sonho falso ou a exposição de um traçado que não porta mais dinâmica ativa no sujeito.

Nesses casos, verifica-se a ausência da informação semântica no verbalizado do cliente.

Esse critério é verificado:

- a) quando uma imagem está conectada com impacto e interação emotiva;
- b) quando a informação ou o verbalizado do sonho produz campo semântico no sonhador e no ouvinte. [240]

Dessa forma, têm-se três princípios de interpretação simbólica:

Causal – indica o “o quê”;

Funcional – indica “para quem”;

Semântico – indica se há concretude (ou não) na imagem.

A Lógica Biológica do Sonho e as Fontes da Psicogênese Simbólica

O sonho possui uma lógica biológica em seu proceder. Essa lógica, em primeiro lugar, busca a conservação da unidade de ação do homem.

Assim, o traçado onírico, ao refletir a realidade existencial, o faz seguindo uma hierarquia, que se estrutura da seguinte forma:

Primeiramente, indica a situação orgânica do sonhador — ou seja, a integridade físico-biológica;

Em seguida, analisa as referências afetivas e de segurança do sujeito, ou seja, seu entourage socioafetivo;

Depois, volta-se às pessoas mais próximas no ambiente de trabalho e estudo;

Por fim, faz a análise da esfera social, dos negócios, da economia e da política do sonhador. [241]

As Fontes das Imagens Oníricas

Na compreensão da dinâmica onírica, é fundamental observar as fontes de origem das imagens do sonho. A psicogênese do símbolo — ou seja, a origem psíquica das imagens simbólicas — possui quatro principais fontes:

1. A realidade social

O material onírico tem, entre suas fontes, tudo aquilo que pode ser considerado a realidade social do sonhador.

O inconsciente forma imagens constantemente e se vale da ativação social na qual o sujeito está inserido.

2. A visualização dos instintos

O sonho evidencia a estruturação e prevalência instintual do sujeito naquele momento. [242] Ele revela como os instintos atuam no psiquismo e se manifestam simbolicamente nas imagens.

3. As formalizações semânticas derivadas do externo

O sujeito está permanentemente imerso em um complexo informacional.

Os símbolos derivam também dos campos semânticos que informam continuamente o sujeito — ou seja, do conteúdo simbólico presente no meio externo.

4. As pulsões meta-históricas da humanidade

A humanidade é fruto de uma longa história que a determina também psiquicamente.

Existem constelações psíquicas agentes que condicionam tanto a sociedade quanto o indivíduo singularmente.

“As constelações psíquicas meta-históricas são como rios que caminham através dos séculos e milênios, um ao lado do outro, ora antes, ora depois, no evoluir de toda a humanidade. Essa ressonância existe no interior de cada indivíduo representante da raça humana.”

Elementos da Cena Onírica e Interpretação na Ontoterapia

Na interpretação do sonho, além da identificação das origens simbólicas, é necessário observar os quatro elementos da cena onírica.

“Eles dão o parâmetro do dinamismo complexo do indivíduo na vida. Uma vez estabelecida a congruência entre sonho e realidade, a capacidade de interpretação torna-se um fato normal e racional. A interpretação é um processo mediador da informação.” [244]

Esses elementos configuram o aparato cênico-narrativo da direção onírica:

1. A ação em mutação

É o elemento coordenador de toda a aparência e referência. Representa a individuação do movimento em si.

2. O ambiente

Evidencia o “onde” da ação. O ambiente visualizado configura a localização do contexto e o âmbito de incidência.

Refere-se aos lugares nos quais a ação se desenvolve, mas também pode revelar o estado existencial ou global do sujeito naquele momento.

3. As pessoas ou indivíduos

Esses elementos são condensados de realidade vivida pelo sonhador.

Podem representar tanto as pessoas mesmas (ex.: um familiar, um amigo), quanto traços de personalidade do próprio sonhador.

O sonho sempre contém elementos alegóricos. Assim, pode utilizar terceiros para indicar atributos semelhantes aos do próprio sujeito:

“O nosso inconsciente usa os outros como atores para indicar atitudes ou comportamentos pessoais.”

4. Os sentimentos

Indicam o valor e a intensidade de uma ação no contexto existencial do sonhador.

“Uma imagem é real por quanto investimento e participação emotiva possui. O elemento mais real na situação cotidiana é aquele que o sujeito investe em curiosidade e em interesse no interior do sonho.”

Os Elementos Fundamentais da Interpretação Ontopsicológica

Segundo a Ontopsicologia, para compreender adequadamente a informação onírica, o ontoterapeuta deve considerar os seguintes onze elementos:

Os três princípios de interpretação:

Causal

Funcional

Semântico

As quatro fontes da psicogênese simbólica:

Realidade social

Visualização dos instintos

Formalizações semânticas externas

Pulsões meta-históricas

Os quatro elementos da cena onírica:

Ação

Ambiente

Pessoas

Sentimentos

Esses elementos são fundamentais para a leitura da dinâmica inconsciente do cliente.

Adicionalmente, é necessário atentar à interferência do monitor de deflexão, pois ele deixa sempre sua marca nos sonhos. [247]

O Sonho como Via de Acesso à Interioridade

Na condução de sua atividade, o ontoterapeuta deve estar atento à presença e ao movimento dinâmico dessas informações, pois elas compõem a verdadeira “radiografia” onírica e permitem acesso privilegiado à interioridade do cliente.

Do ponto de vista da intervenção clínica, o relato onírico consente uma concretude real das intencionalidades que operam internamente no sujeito — para além do que é verbalizado conscientemente.

Trata-se de uma via privilegiada de acesso à dinâmica inconsciente do cliente e à consequente resolução da problemática trazida por ele.

Um recorte, um flash colhido pelo cliente durante o sono pode valer mais do que horas de conversação.

Muitas vezes, é exatamente isso que acontece:

O cliente ocupa a maior parte da entrevista com relatos de suas problemáticas e interpretações pessoais sobre elas. Contudo, nos poucos minutos dedicados à revelação e à interpretação do dado onírico, emerge o real dinâmico que opera além da consciência — e que é responsável pelo bem-estar ou mal-estar que o cliente vivencia.

O Prontuário Onírico: Recurso Técnico-Metodológico

Meneghetti dedica uma obra específica para apoio técnico-metodológico ao especialista no enfrentamento da simbologia onírica, imagógica e fantasiosa: o Prontuário Onírico.

Essa obra reúne vocábulos recorrentes no universo psíquico humano, previamente selecionados com base na prática clínica. Trata-se de um recurso fundamental para o ontoterapeuta.

Ao apresentá-la, o autor esclarece o público-alvo e oferece elementos importantes sobre a formação necessária do técnico, tema central deste estudo:

“[...] o prontuário é para especialistas ontopsicólogos, entendendo-se, implicitamente, uma formação de base em sentido dinâmico-psicanalítico, que consinta uma perspicácia no ofício psicoterápico e uma intuição específica para reconhecer, para além do signo, a semântica objetivante.”

Formação Propedêutica em Ontoterapia: Fundamentos e Horizontes Teóricos

Considero bastante significativa a citação a seguir, na medida em que ela indica uma concepção de formação de base — propedêutica — necessária ao ofício psicoterápico. O objetivo, aqui, é caracterizar o percurso formativo em Ontoterapia.

Na apresentação do Prontuário Onírico, Meneghetti especifica os elementos dessa formação de base, oferecendo, mesmo em uma passagem longa, um horizonte conceitual claro — inclusive sobre as aproximações e distinções entre a Ontopsicologia e outras abordagens clássicas da psicologia.

Opta-se por incluir a citação na íntegra, dada sua relevância teórica e prática:

“Permanecem convalidados os princípios freudianos de Id, Ego e Superego, os princípios de prazer e de realidade, de instinto de vida e de morte, de deslocamento dinâmico, de identificação e de investimento objetal com cargas e contracargas, de angústia real e neurótica, de mecanismos de defesa, de remoção, de projeção, de sublimação etc., das formações reativas e fixações regressivas, das fases oral, anal, fálica, genital, da cena primária, e de grande parte da análise sobre a dinâmica associacionista e onírica, sempre mantendo na pesquisa o sistema indutivo e nunca o dedutivo. Não concordo no que diz respeito à exposição do complexo edípico.

Permanecem convalidados os princípios junguianos dos arquétipos, dos complexos, de inconsciente individual e coletivo, de Eu, de persona, de animus e anima, de self, das funções de compensação, de oposição e de síntese transcendente, de energia psíquica e de valores psíquicos, do poder constelador de um complexo, dos princípios de equivalência

e de entropia, de progressão e regressão, de causalidade teleológica, do processo de individuação, da remoção sublimada e simbolizada. No que concerne ao arquétipo sombra, entretanto, faço a ressalva de que, em geral, ele é negativo, como a maioria dos arquétipos, em particular o da grande-mãe.

[Convalido] os princípios adlerianos de vontade de potência ou aspiração à superioridade, de sentimento de inferioridade e compensação, de interesse social, de estilo de vida, do self criativo, da ordem de nascimento e das relativas experiências da infância e personalidade. Permanecem convalidados os princípios de interpretação onírica dos manuais já clássicos — W. Bonime, E. A. Gutheil (à parte A Interpretação dos Sonhos de Freud); são também válidas as interpretações mais analíticas diretamente da semântica do Em Si organísmico do cliente.”

O Resultado Como Verificação da Cura

Ainda no contexto da formação e da prática clínica, Meneghetti destaca a importância do resultado como critério de verificação do êxito terapêutico:

“A essa altura, é inevitável o efeito da cura. Através do resultado, é possível verificar se o cliente está agindo bem e se está impostando a própria vida do modo certo. O resultado é sempre conforme à análise efetuada em sede ontopsicológica, sem exceções.”

O Sonho como Espelho Holístico da Existência

O sonho é o espelho holístico da atividade orgânico-funcional do nosso existir.

Nossa memória e nossa consciência são estados secundários e parciais, póstumos à radical reflexão onírica.

O verbalizado do sonho é sempre infalível.

O sonho fala documentando a realidade físico-orgânica e histórica do sujeito. No entanto, para que essa informação possa ser admitida no interior do nosso arquivo de atividade lógica, é necessário possuir a introdução linguística — exatamente como não se pode compreender o que alguém diz sem possuir o código da língua em que se expressa.

A Linguagem do Sonho e Sua Análise Multidimensional

No que tange ao sonho, após estudar várias óticas e abordagens, descobri que ele realiza uma análise exata do ponto de vista médico, comportamental e social do sujeito.

O sonho é uma projeção das variáveis e alterações — sejam funcionais, sejam estruturais — do nosso organismo. Ele é o reflexo daquilo que já ocorreu na totalidade psíquica e somática do indivíduo.

Assim como, por meio de um monitor, podemos visualizar o interior de uma sala cirúrgica, de uma vasta indústria, ou de qualquer outra situação interna (endossomática, endovulcânica, etc.), o sonho permite examinar o interior de uma ação.

Para o especialista, o sonho é comparável a uma biópsia histológica da existência do sujeito.

Por meio da análise onírica, podemos colher a causa, o processo e o escopo de uma patologia, situação, ou estratégia — seja ela familiar, social, econômica, política ou científica.

A Ontopsicologia e o Código do Sonho

Com a metodologia ontopsicológica, compreender o sonho torna-se simples, porque a Ontopsicologia conseguiu reencontrar o código definitivo utilizado pelo sonho na elaboração das imagens.

Dentro desse código de leitura, é possível individuar e isolar o vetor agente e, em seguida, controlar os efeitos possíveis.

O sonho é uma vasta reserva de significados puros da nossa existência.

Infelizmente, com a sociedade contemporânea e com os moldes de nossa educação, conquistamos o mundo técnico da história, mas perdemos o mundo-da-vida.

Para aperfeiçoar e completar a organização lógico-consciente que já possuímos, é necessário recuperar, ao menos em parte, o conhecimento do mundo-da-vida. Esse conhecimento é o fundamento do egoísmo vital e é a correspondência com as exigências metafísicas.

Sonho, Realismo Existencial e Vetorialidades

Questões fundamentais — como a vida, a morte, o bem e o mal — podem ser constatadas, reconhecidas e resolvidas exclusivamente com base nesse conhecimento recuperado pelo mundo-da-vida.

No sonho, está sempre registrado qualquer particular do realismo existencial do sujeito. A cada momento, o sonho assinala as predominâncias das vetorialidades internas do indivíduo.

O sonho utiliza uma hierarquia de importância do realismo, colocando em primeiro lugar aquilo que é mais real e urgente naquele momento.

O Sonho como Revelador Clínico

Em qualquer gênero de doença, o sonho é um revelador preciso da situação doentia ou perversa do sujeito.

Ele permite ser interrogado justamente no momento da perda de si mesmo, o que possibilita colher a lógica por trás da exposição da situação e da sua atividade causal.

O sonho é uma entrada segura, passível de análise com todos os instrumentos da aprendizagem científico-razional.

O Sonho como Mecanismo de Diagnóstico

O mecanismo de análise do sonho é o sistema mais seguro para se realizar uma diagnose exata. Quando se tenta fazer análise com base em sedimentações já expostas, ou seja, nas manifestações já visíveis do comportamento ou do sintoma, frequentemente já se está atrasado no processo diagnóstico.

No sonho, temos a possibilidade analítica de ver todo o processo da causalidade até o próprio efeito ou fenômeno. Ele contém a situação em seu aspecto químico-fisiológico e, sobretudo, a ligação formal que o escreve: se a pessoa está mal, onde está mal, qual é o modo da doença e o que a motiva.

No que se refere ao mal — seja ele físico ou psíquico — o sonho permanece o teste por excelência para uma análise e diagnose seguras da situação.

Um sonho completo expõe:

A situação atual;

A causa da situação;

A solução.

Um sonho é considerado completo quando contém todos os elementos racionais que permitam sua identificação plena.

A Importância do Primeiro Sonho

O primeiro sonho da noite é o mais importante.

Nos sonhos sucessivos, o conteúdo tende a se diluir gradativamente.

A sequência dos três aspectos-chave — situação, causa e solução — costuma repetir-se várias vezes dentro do mesmo sonho ou ao longo de diferentes sonhos. O importante é que se consiga colher pelo menos uma dessas sequências completas, pois ela já permite uma análise eficaz.

As Instâncias Formadoras do Sonho

Para explicitar a formação do sonho, é possível identificar diversas instâncias que, em medida e modalidades diferentes, contribuem para sua estruturação:

1. A memória

É um fixador de imagens.

A consciência só é capaz de recordar aquilo que o módulo de memória fixa.

Na psicoterapia, o trabalho pode ser feito somente sobre esse conteúdo.

2. O Eu ideal

Corresponde à autodefinição do indivíduo.

Representa suas aspirações individualistas e suas referências ideais.

3. O organismo

Reflete a satisfação das exigências orgânicas ou funcionais do corpo.

4. O monitor de deflexão

É um módulo acoplado diretamente à memória, que atinge a consciência do Eu sempre por meio da memória.

Atua como um elaborador e sincronizador de imagens.

Os sonhos induzidos pelo monitor de deflexão são os mais claros e precisos, pois devem convencer o Eu a aceitar o próprio acontecer.

As imagens geradas por ele têm quase evidência matemática, tal a sua nitidez e função persuasiva.

O monitor de deflexão "usa imagens para convencer o Eu histórico".

5. O Em Si

Fornece a ótica do total da vida, em relação ao quadro geral do indivíduo.

Dá o ângulo visual sobre a rota existencial total. Representa a perene subjetividade de qualquer modelo objetivo.

Interação das Instâncias no Campo Onírico

O Eu psicológico é o ponto de referência de todas essas instâncias: memória, Eu ideal, organismo, monitor de deflexão e Em Si.

Monitor de deflexão e Em Si atuam na medida em que investem o Eu histórico e consciente.

Durante a análise da mensagem onírica, o corpo só é relevante enquanto estiver em conexão com o Eu.

Quando o indivíduo entra em estado de medo, deve-se desativar também o organismo, porque — enquanto objetificado pela programação do monitor de deflexão — ele deixa de ser critério de saúde.

Método Ontopsicológico para Análise dos Sonhos

O método para analisar os sonhos delineado pela Ontopsicologia baseia-se em três princípios universais, aos quais são acrescidas as quatro fontes das quais derivam os símbolos e os quatro aspectos a serem lidos na cena onírica.

Esses últimos oito elementos representam a contextualização de relatividade.

Quando se interpreta um sonho, é necessário ter contemporaneamente presentes todos os onze elementos. Tendo essa grelha passe-partout, o sonho torna-se claro e inteligível.

Além disso, acrescenta-se um fator ulterior: a imissão informática ou interferência programática do monitor de deflexão, pois em todos os sonhos está sempre presente a sua marca.

O Sonho como Exame Clínico Natural

O sonho é o exame clínico que a natureza realiza diariamente sobre o comportamento do sujeito.

É o exame de como a vida julga o indivíduo.

Trata-se de um juízo real e próximo, que a natureza emite sobre o comportamento específico de uma pessoa, em qualquer aspecto da sua existência.

Dessa forma, o sonho reflete:

O estilo de comportamento e de psicologia do sujeito;

Os erros de comportamento que ele apresenta em relação a si mesmo;

As formas de lacuna e déficit existentes na pessoa, em qualquer aspecto da saúde física;

Se a vida do sujeito possui ou não um valor de sucesso e de exaltação.

Além desses níveis, o sonho abre dimensões também de alta metafísica.

O Sonho e a Individuação Existencial

Substancialmente, o sonho é a linguagem com a qual a natureza fala da individuação em existência.

O interessante é que o sonho gera a moral da natureza partindo exclusivamente da ótica do indivíduo.

O mal existe quando atuamos de maneira negativa contra nós mesmos, em qualquer aspecto.

Portanto, o sonho não nos julga pelo que fazemos aos outros ou por ações reflexas no âmbito social, naturalístico etc.; ele avalia cada ação e cada comportamento exclusivamente pela identidade da pessoa agente.

Apesar dessa ótica individual exclusiva, o sonho colhe a ética de modo funcional para todos.

Critérios para a Leitura dos Símbolos

A leitura de um símbolo deve ser feita na exclusiva lógica funcional do sonhador.

A natureza não tem mitos, religiões, ideais ou estereótipos.

São nossos estereótipos culturais e científicos que nos impedem de fazer uma leitura simples e imediata da informação biológica da vida.

Devemos recuperar o código-base da natureza em seu sentido biológico.

A lei fundamental está insita nas reações sinápticas e fisiológicas, em função da identidade orgânica e psicológica do sujeito.

O Símbolo no Sonho: Função e Critérios de Verificação

O sonho utiliza qualquer símbolo — da mãe, do amigo, do amante, de Jesus, de Buda — exclusivamente para indicar se algo é saudável ou negativo para a identidade histórica do sonhador.

Às infinitas reações possíveis do átomo não interessam os acontecimentos da ideologia; o que importa é simplesmente a eficiência de existir baseada na própria identidade.

Princípios Universais para Verificação do Sinal Humano

São três os princípios universais para o critério de verificação de um sinal inerente ao real humano:

1) Natureza causal do símbolo

Por "natureza causal do símbolo" entende-se os comportamentos da causalidade indicada.

O que importa não é o símbolo em si, mas o que ele produz.

Por exemplo, se no sonho aparece um rato, devemos perguntar concretamente: o que é um rato?

O rato é um roedor que destrói coisas e causa danos.

Ou vemos uma borboleta. O que é a borboleta?

É um verme que voa e danifica os frutos, pois é um inseto que afeta as colheitas.

Ou então, uma bailarina. O que faz concretamente uma bailarina?

Ela gira no vazio; portanto, no sonho, esse símbolo indica sempre um sinal de vida ao vazio.

De modo semelhante, a boneca: o que é uma boneca?

A boneca é um objeto sem vida; logo, se sonhar com esse símbolo, significa que se é um objeto vazio.

2) Efetivação funcional para o sujeito

O valor do símbolo não é dado por alguma característica inerente à coisa representada, mas pela utilidade real que o ser humano reconhece no seu planeta.

A funcionalidade deve ser referida ao Em Si ôntico em constante H2.

No símbolo, deve-se captar a lógica da eficiência funcional para o sujeito.

Determinar a funcionalidade de um indivíduo é simples: é aquilo que lhe dá vida e crescimento, aquilo que diz respeito ao seu interesse — o que produz para mim, aqui e agora.

O homem é a medida de todas as coisas. Cada coisa deve ser escolhida não segundo seu valor intrínseco — pois tudo pode ser bom ou neutro nesse sentido — mas segundo a utilidade relativa ao sonhador.

A presença ou ausência da função biológica e utilitarista relativa ao sujeito faz com que o objeto seja positivo ou negativo.

Um exemplo: sonhar que se cozinha um peixe significa fazer boa colheita, boa pesca, bom ganho existencial, portanto, maturação do instinto vital, porque o peixe cozido é algo nutritivo para o organismo.

Validação do símbolo pela "relação a"

A validade do símbolo é determinada pela sua "relação a".

Para caracterizar a bondade ou negatividade de uma imagem:

Não são suficientes os parâmetros culturais do contexto e da tradição;

Não são suficientes as crenças, hábitos, ou tipos recolhidos de um depósito de inconsciente universal (os arquétipos);

Nem mesmo a constatação experimentada em valor, ou a aprovação de um amigo certificado recentemente.

Tudo é dinâmico e continuamente sujeito a verificação.

A Verdade pelo Fruto: Validação dos Símbolos no Sonho

A verdade é reconhecida pelos frutos, e são somente esses que identificam a árvore.

Somente os efeitos obtidos pelo sujeito convalidam ou invalidam o símbolo.

Por "efeitos" entende-se uma função concreta ou um resultado vantajoso, documentado e identificável segundo os cânones organísmicos, isto é, conforme a sanidade existencial do indivíduo em sentido existencial e histórico.

É positivo tudo aquilo que produz sanidade, prazer, mais ação, mais experiência do ser no imediatismo do aqui e agora do existente concreto. Caso contrário, é negativo.

Exemplos Práticos

Trago alguns exemplos:

Sonho que meu automóvel está incendiando, tudo pega fogo, e passa alguém vendendo água.

Se estou queimando e alguém vende água, significa que as coisas que essa pessoa ensina ou propõe são vitais para mim.

Se estou me afogando e vejo minha avó jogando água no poço onde me afogo, o significado é que na minha relação com ela reside a causa dos problemas que estou vivendo.

É preciso colher o efeito — neste caso, o efeito da água — ou seja, o que essa situação produz no contexto onírico no qual eu, sonhador, me encontro.

A bondade da causa é reconhecida pelos efeitos funcionais que produz para o sujeito.

Positividade da Situação Onírica

Podemos qualificar a positividade de uma situação onírica com base nos efeitos que materialmente e biologicamente produz.

A primeira revolução que a Ontopsicologia traz na interpretação dos sonhos é o fato de se basear no significado biológico e efetivo da funcionalidade do sonhador, e não no significado de mitos, culturas ou estereótipos, que não são convalidados pela ação da natureza.

Exemplos e Contradições com a Moral Social

Por exemplo, se uma senhora sonha que está numa igreja — esta igreja está bonita e limpa, sem janelas — o sonho significa que a mulher está em perigo por causa da identidade do sonhador.

O critério-base é sempre o utilitarismo biológico e funcional para o sujeito.

O utilitarismo funcional dentro da interpretação onírica é frequentemente contrário às morais conscientes do sujeito.

Suponhamos que uma senhora, casada e com quatro ou cinco filhos, sonhe que está tomando um cappuccino com um sacerdote da sua igreja.

A mesma senhora, quando está próxima do marido, sonha que está lavando os pratos e ele lhe entrega.

O que isso significa?

A lei naturística da pessoa mostra que a sonhadora tranquilamente faria amor com o padre, porque com ele gozaria e estaria bem — afinal, café com leite é gostoso e nutritivo — enquanto com o marido, ao contrário, ela esfrega, fricciona, faz ginástica ao vazio.

Essa é a realidade que o sonho revela da natureza daquela mulher, mas depois é ela quem deve decidir.

Reflexão Final

Não se está a salvo das leis da vida pelo fato de seguir a moral social.

Uma mulher não está justificada diante das exigências da vida pelo fato de ser uma esposa capaz ou uma boa mãe, como o sistema social impõe.

3) Critério Semântico

O critério semântico responde à pergunta: para onde vai a ação e a quem o símbolo diz respeito?

Por exemplo: onde estão os ratos no sonho — na minha direção ou na direção do outro? Quem está com a boneca no colo: eu ou a minha avó? Onde o símbolo se vê indica a direção da ação.

Não é suficiente ver a causa em si ou o aspecto funcional; é necessário também identificar a direção ou o destinatário, que revela a situação dramatizada pelo quântico de investimento do sonhador no sonho.

Exemplo Prático de Leitura Semântica

Uma cliente conta um sonho: "Estou na praia, vejo alguém que vende sorvetes e compro um".

Enquanto ela conta, eu — aberto à leitura semântica — sinto no meu corpo, por exemplo, uma tumescência no pênis, indicando que o sonho está afetando diretamente o sonhador. Se, em vez disso, o símbolo diz respeito a outra pessoa — mantendo a hipótese de sexo — percebo a reação correspondente da mulher, voltada a um outro.

Assim, o campo semântico é identificado na presença daquele que expõe o sonho.

Direção da Ação e Destinação

O critério semântico também indica a direção da agressividade ou da energia: diz para quem a ação está destinada.

Por exemplo, se eu estou lendo a carta no sonho, a ação é dirigida a mim; se for outra pessoa, a direção da ação muda.

Quando um cliente conta um sonho falso, não existe semântica real: ele conversa fora do próprio real.

Quando o sonho é real, colhe-se a motivação ativa e identifica-se concretamente o referente. O símbolo onírico real está sempre conjugado com a informação biológica do sujeito e indica para quem a ação se dirige.

Confusões Frequentes na Direção do Referente

Aqui reside uma confusão comum entre homens e mulheres: podem sentir uma pulsão sexual positiva, mas errar o referente da pulsão.

Por exemplo: "Sinto essa pulsão, então faço sexo com meu marido ou esposa...", mas a direção correta pode ser outra.

Ou uma mãe pode ter sentimentos complexos em relação ao filho, irmã ou outra mulher, e o sonho pode mostrar um conúbio sexual simbólico entre elas, sem que isso represente um ato real.

A Materialidade do Referente Semântico no Sonho

O sonho "psicoplasma" — dá forma material — à materialidade do referente semântico.

Requisitos para Exercitar o Método Semântico

Para aplicar esse método, é necessário ter passado pela metanoia, ou seja, eliminar estereótipos e complexos que a consciência do Eu ainda sustenta, mas que não refletem a realidade orgânica, biológica, física e psíquica do sujeito.

Metanoia significa alcançar uma reversibilidade — uma situação de consciência que reflita a própria realidade.

Não significa transcender ao absoluto, mas estabelecer uma base completa e sadia da natureza, mudando o modo de pensar para que este volte a refletir a própria realidade.

O Sonho e a Consciência: Cripticidade e Desvio do Real Informático

O sonho tornou-se críptico para todos, o que demonstra que a consciência dos seres humanos está desviada do real informático da natureza orgânico-biológica do indivíduo.

É importante sempre lembrar que, na maioria das vezes, os sonhos são interpretados — na melhor das hipóteses — com base em estereótipos, e ainda pior quando fundamentados em complexos.

Estereótipos e Complexos

Estereótipo é um hábito de comportamento, mais ou menos neutro. Pode parecer funcional, mesmo que não seja completamente exato, e não leva a resultados patológicos. Pode ser simplesmente um resultado da alienação em relação à profundidade do original da vida.

Complexo, por outro lado, é um comportamento consciente ou inconsciente do sujeito que sempre, de algum modo, produz doença.

Critério Semântico e Discriminação de Sonhos

Com base no critério semântico, é possível distinguir o sonho verdadeiro do sonho falso — isto é, discriminar entre:

- o sonho inventado, sem dinâmicas inconscientes,
- o sonho construído pelo monitor de deflexão,
- e o sonho que implica significâncias reais.

Se o sonho ou a associação não produzem campo semântico, significa que aquele problema já passou ou o sonho é falso. A ausência de campo semântico na verbalização indica ausência de investimento semântico totalizante por parte do Eu Si organísmico.

Por "falso" entende-se um símbolo falso ou, no máximo, um racional exato sem investimento de emoção organísmica.

Monitor de Deflexão e a Realidade Onírica

A Escola Ontopsicológica identificou a estrutura do monitor de deflexão dentro das operações psicoemocionais do indivíduo humano.

Esse monitor pode operar autonomamente, expondo-se como um fato de reflexão do real, e possui autonomia própria na gestão das informações.

Frequentemente, o indivíduo não é capaz de distinguir as informações provenientes da realidade daquelas oriundas do monitor de deflexão.

As aferências organísmicas — sínteses das informações colhidas do corpo e do ambiente — sofrem o filtro da grelha do monitor de deflexão, e por isso, no espelho da consciência, chegam informações elaboradas por esse sistema.

Funcionamento do Monitor de Deflexão

Esse mecanismo pode ativar-se:

ao ser estimulado pelas percepções reais,

ou enviar informações de modo autônomo, sem fundamento real.

É comum em todas as pessoas e excepcionalmente intenso em esquizofrênicos.

O sujeito pode acreditar em pensamentos, raciocínios e ordens mentais produzidos pelo monitor como a única verdade.

Aplicação do Critério Semântico

Com o critério semântico, o terapeuta pode identificar o energético emocional da imagem, ou seja, se o sonho produz alteração biológica — e portanto é verdadeiro — ou se é apenas uma ficção não real para o sonhador.

Distinção entre Sonho Real e Sonho Falso: O Papel do Monitor de Deflexão

Antes de iniciar a análise onírica, é fundamental determinar se o sonho é a projeção natural do orgânico individual ou, ao contrário, uma informação gratuita, sem realidade, produzida pelo mecanismo do monitor de deflexão.

O sonho formalizado pelo monitor de deflexão não apresenta campo semântico nem investimento emotivo real.

Esse monitor baseia-se nos conhecimentos racionais do sujeito e pode usar qualquer imagem: a da mãe, do pai, dos santos, do próprio psicoterapeuta ou de qualquer pessoa considerada importante pelo sonhador. Ele utiliza essas imagens para captar a fé do sujeito e, posteriormente, arruiná-lo.

Por isso, é imprescindível verificar a autenticidade dos sonhos ao longo de todo o processo terapêutico, sempre com base nos frutos produzidos pelo sonho — ou seja, nos resultados reais obtidos pelo sujeito.

Obsessões, Fantasias e Sonhos do Monitor de Deflexão

É necessário distinguir quando o sujeito está lidando com obsessões e fantasias e quando apresenta sonhos que são exclusivamente produto do monitor de deflexão, que têm absoluta ausência de realidade orgânica e psíquica.

Todavia, se o sujeito está doente ou cometendo erros graves, não podem existir sonhos falsos nessa pessoa em análise.

Tecnicamente, isso ocorre porque, quando o sujeito está mal, o monitor de deflexão sincroniza-se com o sistema orgânico, adquirindo energia real. Uma vez que o monitor de deflexão se conecta, ele praticamente se liga e permanece simbiotizado de forma neurótica ao sistema orgânico.

O sonho falso, portanto, ocorre somente em sujeitos saudáveis, nos quais o monitor age “ao vazio”, apoiando-se em estereótipos para tentar capturar e influenciar o sujeito em seu funcionamento.

Como Diferenciar Sonho Real de Sonho Falso

Existem duas maneiras principais para distinguir sonhos falsos de sonhos reais:

Análise racional onicompreensiva do sujeito: É um processo que exige um acompanhamento extenso, geralmente mais de cinco a oito meses.

Campo semântico: Uma forma mais imediata de verificação.

Quando o sujeito conta um sonho e, durante a narração, manifesta variações emocionais evidentes, isto indica a existência de campo semântico. Isso significa que o sonho é real, pois transmite ondas e variáveis emocionais no organismo do sonhador naquele momento.

Importância do Campo Semântico na Análise

A presença ou ausência de informações semânticas determina se um sonho possui realidade para o sujeito ou não.

Durante a explicação do sonho, o psicoterapeuta deve atentar tanto ao conteúdo verbalizado quanto às manifestações emocionais que acompanham a narração, pois estes elementos juntos constituem a realidade ou a irrealidade do sonho para o paciente.

Sem campo semântico, não é possível realizar uma análise precisa e exata.

Análise do Sonho: Informações Energéticas e Formais

Na análise do sonho, obtêm-se sempre duas informações fundamentais:

Energia: o conteúdo emotivo, o fluxo energético presente.

Formalização: a estrutura simbólica e verbalizada do sonho, ou seja, as imagens, as narrativas e as passagens que o paciente relata.

Durante o processo analítico, o psicoterapeuta deve sincronizar essas duas informações — a energia e sua formalização — com o seu próprio campo emotivo interno. É essencial que o terapeuta seja sempre exato, possuindo a simplicidade e a precisão da própria natureza, pois é ele quem atribui exatidão ou inexatidão à análise.

Caso o ontopsicológico tenha dúvidas sobre a individuação semântica — ou seja, se a ação experimentada no sonho é própria, sincronizada com algum complexo interno, ou se é efeito de uma constelação semântica externa — recorre-se à teoria de apoio, que se organiza em três critérios:

Critério causal: o que é o símbolo ou ação.

Critério funcional: para quem é dirigido, qual a função para o sujeito.

Critério semântico: se o símbolo é real e concreto ou apenas uma imagem sem original ativo (memética).

Princípios de Interpretação do Sonho

A descoberta dos princípios para interpretar sonhos não deriva de pesquisa indutiva pura, mas sim da análise clínica prática, científica, e dos resultados extraídos dessa praxis. Estes princípios fornecem uma angulação precisa, facilitando o acompanhamento do sonho no plano individual.

As quatro fontes da psicogênese dos símbolos oníricos são:

Realidade social:

O material onírico deriva da realidade social do sujeito — família, trabalho, religião, amigos, etc. O inconsciente cria imagens a partir dessa realidade ativada no contexto social. A sociedade é “real” dentro do indivíduo, e o sonho reflete essa inserção social.

Visualização dos instintos:

O sonho expressa a estrutura e a dominância dos instintos no momento presente. O instinto é entendido como uma ordem funcional da inteligência da natureza e do organismo individual. Cada instinto é uma energia dinâmica que precisa ser harmonizada com os demais para uma evolução saudável do sujeito. É fundamental que o instinto prevalente seja vivido de modo harmônico, respeitando os outros instintos.

Formalizações semânticas derivadas do externo:

Símbolos oníricos podem derivar de campos semânticos externos que informam ou condicionam o comportamento do sujeito — como influências de pessoas, grupos ou ambientes. O sonho absorve essas semânticas, podendo mostrar deformações ou pressões externas sobre o indivíduo.

Pulsões meta-históricas da humanidade:

São formalizações psíquicas que transcendem culturas e religiões, originadas das constelações psíquicas que atravessam milênios da humanidade. Elas influenciam tanto a sociedade quanto o indivíduo, agindo como forças estruturantes da existência humana em larga escala.

Quatro Elementos da Interpretação Técnica do Sonho

Na análise onírica, para interpretar de forma técnica e eficaz, é necessário considerar quatro elementos fundamentais. Eles são parâmetros essenciais para compreender a complexidade dinâmica do indivíduo em sua vida. Quando se estabelece uma congruência entre o sonho e a realidade do sujeito, a interpretação torna-se um processo racional e natural, funcionando como um mediador da informação contida no sonho.

Esses quatro elementos constituem o aparato cênico-narrativo da direção onírica e formam uma simbólica precisa a ser decodificada.

1) A Ação em Mutação

Este é o elemento central que coordena cada aparição e cada referência no sonho.

Refere-se à ação enquanto pulsão dinâmica que interage entre objetos, pessoas e contextos. A cada variação, ela estabelece diferentes modos de acontecer.

A ação é a expressão do movimento ou da estabilidade em transformação.

Representa o processo de mutação, devir e transformação que é a essência da experiência real para o ser humano.

Os símbolos ou individuações que surgem no sonho são referências a esse movimento e suas mudanças constantes.

2) O Ambiente

O ambiente é o “onde” da ação — o contexto e o espaço onde a cena do sonho se desenvolve.

Engloba todos os lugares, elementos naturais e culturais em que a ação se exterioriza.

Confere identidade à situação vivida pelo sujeito no sonho.

Exemplo 1: Sonhar que está em um bosque na primavera indica que o sujeito está em uma fase de crescimento e satisfação, mesmo que os resultados ainda não sejam visíveis.

Exemplo 2: Sonhar com uma sala velha e fechada da qual não se pode sair indica uma fase de estagnação ou senescência, ou seja, falta de evolução.

3) As Pessoas ou Indivíduos

As pessoas que aparecem no sonho são condensados de realidade e funcionam como pontos de força das reações ambientais e internas do sujeito.

O sonhador é uma dessas pessoas, mas as outras figuras representam modos de ação ou aspectos da personalidade do próprio sonhador.

Mais do que sua identidade social ou psicológica, as pessoas nos sonhos indicam a funcionalidade ou disfuncionalidade das escolhas operativas do sujeito na vida.

Elas funcionam como atributos de ações ou modos de ser do próprio indivíduo.

4) Os Sentimentos

Os sentimentos indicam o valor ou a intensidade do impacto que a ação ou situação tem para o sujeito.

Medem o quanto aquilo que ocorre é vantajoso ou desvantajoso para o sonhador.

O investimento emocional no sonho ajuda a compreender a realidade e a significância da cena.

Assim, uma imagem onírica é real e significativa na medida em que existe um investimento afetivo por parte do sonhador.



O Método Ontopsicológico

Patrícia Wazlawick

Resumo: Este artigo possui o objetivo geral de estudar o método ontopsicológico, a saber, o método bilógico. Metodologicamente, este é um estudo teórico e bibliográfico desenvolvido precisamente como um breve estado da arte na obra do Acadêmico Professor Antonio Meneghetti, em obras elencadas como fundamentais para a compreensão e a aplicação do método ontopsicológico. Como novidade ao estudo teórico, trazemos a apresentação e a descrição de uma cena *in vivo* de Antonio Meneghetti, por ocasião da explicação do conceito de nexa ontológico, proveniente, também da aplicação do método ontopsicológico. Com essa cena, temos a possibilidade de pensar, apresentar e visualizar aspectos relevantes do método ontopsicológico que serão previamente trabalhados em aspectos teóricos.

Palavras-chave: Método Ontopsicológico; método bilógico; Ontopsicologia; nexa ontológico.

O Método Ontopsicológico

Abstract: This article has the general objective of studying the ontopsihological method, namely, the bilogic method. Methodologically this is a theoretical and bibliographical study developed precisely as a brief state of the art in the work of the Academician Professor Antonio Meneghetti, in works listed as fundamental for the understanding and application of the ontopsihological method. As a novelty to the theoretical study, we present the presentation and description of an *in vivo* scene by Antonio Meneghetti, on the occasion of the explanation of the concept of ontological nexus, also coming from the application of the ontopsihological method. With this scene we have the possibility to think, present and to view relevant aspects of the ontopsihological method that will be previously worked on theoretical aspects.

Keywords: Ontopsychological Method; bilogic method; Ontopsychology; ontological nexus.

El Método Ontopsicológico

Resumen: Este artículo tiene el objetivo general de estudiar el método ontopsicológico, es decir, el método bilógico. Metodológicamente, se trata de un estudio teórico y bibliográfico desarrollado precisamente como un breve estado del arte en la obra del Académico Profesor Antonio Meneghetti, en obras señaladas como fundamentales para la comprensión y aplicación del método ontopsicológico. Como novedad en el estudio teórico, la presentación y descripción de una escena *in vivo* de Antonio Meneghetti, por motivo de la explicación del concepto del nexa ontológico, proveniente, también de la aplicación del método ontopsicológico. Con esta escena tenemos la posibilidad de pensar, presentar y visualizar aspectos relevantes del método ontopsicológico que se serán previamente trabajados en aspectos teóricos.

Palabras clave: Método Ontopsiológico; método bilógico Ontopsicología; nexa ontológico.

1 Introdução

A ideia de escrever este artigo nasce a partir de contínuos estudos na área da Ciência Ontopsicológica, da experimentação prática no dia a dia e da verificação e importância de formalizar um estudo sistemático acerca do método ontopsicológico. Nasce também do aspecto fundamental de que a Ontopsicologia, como ciência epistêmica e interdisciplinar, não

substitui nenhuma outra ciência, mais que isso, coloca-se como complementar a todas as demais ciências e áreas de atuação humanistas-profissionais que desse conhecimento podem valer-se para produzir maior resultado de eficiência em prol do ser humano e de uma ciência verdadeiramente humana.

Metodologicamente, este é um estudo teórico e bibliográfico desenvolvido precisamente como um breve estado da arte na obra do Acadêmico Professor Antonio Meneghetti, em diversas obras elencadas como fundamentais para a compreensão e a aplicação do método ontopsicológico. Como novidade ao estudo teórico, trazemos a apresentação e a descrição de uma cena *in vivo* de Antonio Meneghetti, por ocasião da explicação do conceito de nexos ontológico – como maior diferencial e objetivo geral de formação do profissional egresso do Curso de Bacharelado em Ontopsicologia da AMF¹ – realizada em um *residence*² conduzido pelo cientista em Lizari (Riga, Letônia) em outubro de 2012. Com essa cena, temos a possibilidade de pensar, apresentar e visualizar aspectos relevantes do método ontopsicológico, tais como serão verificados nos aspectos teóricos aqui trabalhados.

Porém, antes, traçamos uma breve passagem e olhar necessários sobre o Paradigma Positivista das Ciências e verificamos, de certa forma, como ele é insuficiente para compreender de modo exato a atividade psíquica, o ser humano nos seus aspectos subjetivos e a real objetividade da subjetividade necessária também, e principalmente, para fazer-se ciência.

2 Fundamentação teórica

2.1 Um olhar sobre o Paradigma Positivista das Ciências e o emergir da Ontopsicologia

Del Monte (1991), analisando o percurso das ciências modernas, a partir da obra de Thomas Kuhn, *A Estrutura das Revoluções Científicas*, verifica que o Positivismo e as

¹ Conforme Projeto Pedagógico de Curso (PPC) do Bacharelado em Ontopsicologia, da Faculdade Antonio Meneghetti, autorizado pela Portaria MEC nº 563 de 30 de setembro de 2014, publicada em Diário Oficial da União em 01 de outubro de 2014.

² *Residence* é um dos instrumentos de intervenção da Escola Ontopsicológica. “É um estágio *full-immersion* de três a sete dias dirigido a grupos selecionados de pessoas, durante o qual é efetuada uma verificação existencial. Enquanto instrumento psicossocial e ambiental, é preparado a partir da necessidade dos participantes de realizar um Eu lógico-histórico mais congruente a si mesmo e funcional dentro do espaço comunitário no qual eles convivem (...). Fazer um *residence* segundo a metodologia ontopsicológica, substancialmente, significa *fazer uma verificação se o próprio estado de ser e da própria produção de vida é ou não funcional ao crescimento, ao bem-estar e à satisfação de toda a unidade de ação que se é*. Portanto, verifica-se se o próprio modelo de vida – além de ser sadio – está também em gestão eficiente e êxito vencedor (MENEGHETTI, 2012, p. 236).

Ciências Naturais, com o seu paradigma dominante, não dão conta de entender e estudar a subjetividade do homem. Isto é, por essa via, mesmo que se tenha tentado, não é possível esse feito de modo completo.

Já advertia, Kuhn, a necessidade de um método, “...‘um novo ponto de vista’ a partir do qual olhar não somente aquilo que é externo (‘está fora de nós’), mas também aquilo que é interno” (KUHN, 2011 p. 15). Outro ponto importante é que, na pesquisa e no processo de conhecimento, nada deve ser impedido, nenhuma via aprioristicamente vetada: “existem problemáticas que, por quanto significativas e interessantes, não encontram colocação (nem resposta) no âmbito das ciências oficiais” (KUHN, 2011, p. 15), e esses pontos de compreensão já são salientados e destacados desde o início do séc. XX, com a emergência da Mecânica Quântica e a Física Nuclear por Heisenberg (1996, 2003, 2009, 2010, 2015a, 2015b), Santos (1990) e Bohr (1995).

E assim – não iremos retomar todo o percurso histórico e epistemológico das ciências³ – verifica-se que, em diversos momentos históricos, essa posição rígida do objetivismo científico, que exclui do seu âmbito aqueles conhecimentos que não se ajustam ao seu modelo e método de pesquisa, foi (e é) frequentemente criticada como reducionista (DEL MONTE, 1991). A ciência, frequentemente, torna-se um campo de luta – como já apresentava Kant (1799), em sua obra *A crítica da razão pura* –, definindo e determinando, por convenção, o que é científico e o que não é, o que pode ser estudado e como, e o que é válido nos cânones científicos.

Naquele momento, a solução dada foi que os conhecimentos deveriam ser baseados sobre a *experiência*, excluindo da ciência qualquer conhecimento que não fosse imediatamente ou mediamente suscetível de experiência, a partir da aplicação técnica e verídica do método científico galileano⁴. Um dos pontos de discussão é que, no entanto, a experiência do cientista, nesse viés, baseia-se sobre a experiência sensorial externa, ou o que seja, de todo modo, reconduzível a esta e por esta. Dessa forma, a experiência interna [do cientista], por ser considerada subjetiva, deveria ser descartada.

Foi assim que, por exemplo, “a fantasia, o sonho, a intuição, o sentimento, o símbolo foram relegados a outros mundos, tais como a literatura, a arte, as ciências ditas ocultas, à ficção científica” (DEL MONTE, 1991, p. 16). E, para alçar o *status* de ciência, a Psicologia começa a utilizar, de modo intenso, o método das Ciências Exatas e Ciências Naturais, adaptando-se. É de grande valor relembrar o que Sigmund Freud escreveu na *Gradiva*:

³ Pois não é este nosso escopo neste artigo.

⁴ O método de maior credibilidade no mundo ocidental é o método científico a partir da formação de Galileu Galilei.

os poetas são aliados preciosos, e o seu testemunho deve ser tomado em consideração, já que eles sabem, em geral, uma quantidade de coisas entre o céu e a terra que o nosso saber acadêmico nem mesmo suspeita. Particularmente, nas ciências do espírito eles de longe derrotaram a nós, comuns mortais, já que atingiram a fontes que não foram ainda abertas pela ciência (FREUD, 2015, s/p).

Já Edmund Husserl, alguns anos mais tarde, acusava o mesmo ponto. Na análise de Meneghetti (2015a), “Husserl, muito a propósito acusou o método científico de ter perdido a ligação com o mundo-da-vida e, por consequência, ele [o método científico]⁵ ficava avulso do verdadeiro significado” (p. 183). Dessa forma, o método científico alcançaria apenas uma parte do conhecimento, ou da forma e processo de conhecer. Não significa que seja errado, mas seria incompleto, deduz-se.

Pois bem, o princípio base do método científico é o *princípio de causalidade*. Na compreensão do princípio de causalidade, não existe nenhum efeito que não tenha uma causa, nenhum movimento que não seja produzido a partir de um móvel, nenhuma ação sem dispêndio de energia. Porém, Del Monte (1991) esclarece que:

No campo das ‘funções’ ou das ‘ações’ (humanas) do corpo nem sempre se encontram causas ‘físicas’ cognoscíveis, mensuráveis, definíveis, e, então, a origem deve se encontrada em alguma outra parte ‘não conhecida’, ‘in-consciente’ (DEL MONTE, 1991, p. 18).

Fazemos, então, as seguintes questões: por que não se enquadram nas respostas do método científico, significa que esses fenômenos não existam? Por que não se enquadram, não poderiam ser estudados? Com e de qual outra forma poderíamos estudá-los? Não haveria aí um problema de método? Não estaríamos tratando de alguns limites do método científico, ou melhor, do paradigma científico no qual estamos ancorados?

Analisando a estrutura das revoluções científicas, Kuhn (2011) suficientemente examinou e sustentou o quanto é difícil modificar (ou mesmo derrubar) os paradigmas de análises e não somente os dados, a sua quantidade ou a sua variedade, mas o nosso modo de sistematizá-los, categorizá-los, em uma palavra, utilizá-los. Para Del Monte, a conclusão a partir desse ponto é: “se o método científico de análise é aquele dominante, eu o utilizarei para qualquer tipo de análise para apoiar as minhas hipóteses e não hipotizarei nem mesmo um outro tipo de método” (1991, p. 18).

Dessa forma, é impossível pensar “fora” do paradigma, da visão, do rigidismo do método. Tudo o que não se enquadra nesse paradigma, eu nem mesmo tento olhar,

⁵ Nota inserida pela autora.

compreender, verificar, abrir espaço para ouvir, eu simplesmente, *descarto*⁶ e digo que não é científico. Mas, com qual autoridade põe-se essa *forma mentis*⁷ e esse modo de agir? Sim, a resposta é, com a autoridade de um critério convencional de fazer ciência e não com a utilização de um critério de natureza – critério convencional que é produzido a partir do consenso daqueles que estão de acordo em um dado momento, tal como apontado por Kuhn (2011):

Homens cuja pesquisa está baseada em paradigmas compartilhados estão comprometidos com as mesmas regras e padrões para a prática científica. Esse comprometimento e o *consenso aparente*⁸ que produz são pré-requisitos para a ciência normal, isto é, para a gênese e a continuação de uma tradição de pesquisa determinada (KUHN, 2011, p. 30).

Ainda complementa Del Monte (1991):

A discussão entre os estudiosos foi e é focada, sobretudo, sobre a questão metodológica, considerando que aqui estivesse o mérito de uma hipótese, omitindo ou negligenciando os fenômenos que teriam podido fazer pensar a uma realidade diferente daquela vista, partindo da própria realidade e não dos olhos de quem a olhava e, por consequência, a via (DEL MONTE, 1991, p. 18).

Assim, não se olha e não se parte, na ciência positivista, da realidade por como, unicamente ou diversamente, ela seja, *daquilo que é*. Parte-se de teorias, métodos, paradigmas, elucubrações mentais e, inclusive, dados, números, percentuais estatísticos, desvios padrões, médias e tantas outras artimanhas científicas produzidas pelo homem ao longo de uma grande história em nome de dizer o que é científico e o que não é, fundamentado em tantos interesses econômicos, sociais e ideológicos legitimados em nome de um poder que, na grande maioria das vezes, pretende-se sustentar na doxa e não no real em si do mundo-da-vida. Inúmeras vezes, Heisenberg (1996) salientou: “é evidente, mas muito frequentemente esquecido, que a ciência é feita por homens” (p. 7)⁹. Assim:

Influenciado por Bohr, uma das principais preocupações epistemológicas de Heisenberg situa-se na tentativa de dar respostas ao programa de pesquisa que o físico dinamarquês tornou público em 1929, também ele fruto do surgimento da física moderna, em particular da mecânica quântica. Um dos eixos desse programa era a questão: ‘Como manter a noção de objetividade se fazemos parte dos processos de observação e mensuração dos fenômenos naturais?’. O ponto de partida para a formulação de uma nova definição de objetividade seria uma frase do próprio Bohr:

⁶ Porém, temos que verificar, como salienta Kuhn (2011), que “...teorias (...) não são em princípio acientíficas simplesmente porque foram descartadas” (p. 21).

⁷ *Forma mentis* é expressão em latim que significa mentalidade.

⁸ Itálico inserido pela autora.

⁹ Na citação de Santos (1990): “é o homem que faz a ciência, um facto evidente que é demasiadas vezes esquecido” (HEISENBERG citado por SANTOS, 1990, p. 9). Nota inserida pela autora.

‘O homem não é um mero espectador da natureza, mas participa dela’¹⁰ (COSTA e VIDEIRA, 2009, p. 11).

Nessa lógica [epistemológica], uma vez que a ciência é feita/produzida por homens e que o homem não é apenas um espectador, mas participa dela, conforme as compreensões ilustres e históricas de Heisenberg e Bohr, na Física, entendemos que a ciência fala o que é a natureza e como ela comporta-se, não de modo unicamente objetivo, mas dependendo da interação que mantemos com ela. A ciência é uma dentre os vários elos da cadeia infinita de contatos que o homem tem com a natureza.

E mais, na ciência normal, de acordo com Kuhn (2011), nem sempre o objetivo da ciência é realmente a descoberta de algo novo, pois “até mesmo o projeto cujo objetivo é a articulação de um paradigma não visa produzir uma novidade *inesperada*” (p. 58). Neste sentido, geralmente, os cientistas empregam muito tempo em problemas que são considerados “quebra-cabeças”, de forma que os resultados a que chegam são significativos não porque portam novidades realmente e descobertas que irão contribuir com resoluções no contexto social, mas porque contribuem para aumentar o alcance e a precisão com os quais o paradigma pode ser aplicado (KUHN, 2011), como aqui também pode ser evidenciado:

Resolver um problema de pesquisa normal é alcançar o antecipado de uma nova maneira. Isso requer a solução de todo o tipo de complexos quebra-cabeças instrumentais, conceituais e matemáticos. O indivíduo que é bem sucedido nessa tarefa prova que é um perito na resolução de quebra-cabeças. O desafio apresentado pelo quebra-cabeça constitui uma parte importante da motivação do cientista para o trabalho (...). O critério que estabelece a qualidade de um bom quebra-cabeça nada tem a ver com o fato de seu resultado ser intrinsecamente interessante ou importante. Ao contrário, os problemas realmente importantes em geral não são quebra-cabeças (veja-se o exemplo da cura do câncer ou o estabelecimento de uma paz duradoura), em grande parte porque talvez não tenham nenhuma solução possível (KUHN, 2011, p. 59).

Na grande maioria das vezes, busca-se, então, na ciência normal, estar de acordo com o previsto e prescrito, alcançar o antecipado, de modo que, conforme Kuhn, “a ciência normal é uma atividade altamente determinada” (2011, p. 66).

No texto *Teorese e Escopo da Ontopsicologia*, de 2006, discorrendo sobre as origens da Ontopsicologia, Meneghetti destaca que:

Todos sabem da existência de muitas ciências: a química, a física, a matemática, etc. Para entender como nasce a Ontopsicologia, é preciso partir do fato de que em todo o mundo se fala do homem, da vida, da morte, de Deus. E cada teoria científica

¹⁰ A frase original de Niels Bohr é: “...na advertência de que nunca devemos esquecer, em nossa busca de harmonia na vida humana, que, no palco da vida, nós mesmos somos atores e espectadores” (BOHR, 1995, p. 103). Nota inserida pela autora.

aborda a seu modo os vários problemas, tentando dar uma solução. A multiplicidade das ciências nasce da multiplicidade dos problemas aos quais o homem deve responder. Cada setor prepara uma técnica específica para resolver um determinado problema e nasce uma ciência ou disciplina. Por exemplo, a física se propõe a tarefa de explicar o mundo, a religião enfrenta os problemas últimos da natureza humana, a arte é a técnica do belo, a política é a técnica das relações entre as pessoas, ou a economia dos pontos-força entre várias sociedades (MENEGHETTI, 2006, p. 15).

Muitas ciências, segundo o autor, nascem também por necessidade prática de trabalho. Porém, se pergunta: “...mas depois, resolvem o problema humano?” (ibid.). E verifica que “...a Psicologia como ciência nasce da análise do homem, da sua psique, mas a ciência psicológica, no fim, dá a solução ao problema do homem?” (ibid.). O primeiro problema importante/fundamental, ao analisar-se o homem e trabalhar com ele não é o da verdade, mas de realizar a si mesmo (MENEGHETTI, 2006).

Todo homem tem o seu terrível problema, e a exasperação pode ser mais grave naqueles indivíduos que têm mais, porque sofrem em medida maior de carência: por que, se um homem tem tudo – satisfação, dinheiro, amor, primado social – adoece? Apesar do avanço social e científico, o homem continua a estar mal física ou psicologicamente (MENEGHETTI, 2006, p. 15).

Não iremos descrever e apresentar aqui todos os aspectos a respeito do nascimento da Ciência Ontopsicológica¹¹, mas um dos pontos importantes a verificar é que a Ontopsicologia nasce justamente após todas as Escolas/Abordagens de Psicologia e diversas áreas das Ciências Humanas, as quais, segundo Meneghetti, não são erradas, porém, “...não realizam o escopo, isto é, são insuficientes para explicar o homem na sua vasta complexidade¹²,” (MENEGHETTI, 2006, p. 16).

Dessa forma, o nosso objetivo principal neste artigo é estudar acerca do método ontopsiológico. No entanto, para compreender melhor esse método e suas características, era necessário, primeiramente, essa contextualização acerca das ciências, e principalmente, do Paradigma Positivista nas Ciências.

2.2 O Método na Ontopsicologia

Método é uma palavra de origem grega, *méthodos*, que é composta, etimologicamente, por duas outras palavras: *metá* e *hodós*. *Metá* significa atrás, em seguida, através, e *hodós* é caminho. Pode ser compreendido, desse modo, como o caminho percorrido para chegar a um

¹¹ Para mais referências verificar Meneghetti (2006) e Meneghetti (2010).

¹² Vide também MENEGHETTI, A. Background histórico à ciência ontopsiológica. In: MENEGHETTI, A. *Manual de Ontopsicologia*. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2010.

fim. Nas acepções do termo, pelo Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, método é considerado um procedimento, técnica ou meio de fazer alguma coisa, especialmente de acordo com um plano; um processo organizado, lógico e sistemático de pesquisa, instrução, investigação, apresentação; ainda ordem, lógica ou sistema que regula uma determinada atividade e também qualquer procedimento técnico, científico.

A Ontopsicologia é uma ciência que apresenta claramente o seu objeto de estudo, a atividade psíquica; o seu método, a saber, o método bilógico e o seu fim (finalidade) (MENEGETTI, 2010). O método é bilógico e isso significa que, por duas lógicas, o método caminha, existem duas lógicas de acesso e de estudo, em função, também, e principalmente, das especificidades do objeto de estudo dessa ciência que é a atividade psíquica. Porque, em uma ciência, primeiro, define-se e especifica-se o objeto de estudo, isto é, *o que estudar, o que ela estuda*, para, a partir da natureza desse objeto, delimitar e configurar como será o percurso de estudo desse objeto ou como iremos estudar esse objeto – aí, o método. O objeto de estudo da Ontopsicologia, a atividade psíquica é:

A ação-base das modalidades do pensamento e da motivação do existir homem, até a exteriorização somática (o corpo é palavra, o psíquico é sentido). ‘Realidade’ psíquica (inconsciente, pulsões, associações, transposições oníricas, alucinações, visões, etc.) deve ser entendida com a mesma concretude com a qual um físico concebe a matéria. É um mundo subjetivo operável como: a) intencionalidade em antecipação a qualquer fenomenologia; b) pensamento ou ato já formalizado; c) razão ou vontade consciente; d) via fantasiosa, artística, onírica. A atividade psíquica é sempre invisível. Mesmo o pensamento e a consciência são fenomenologias e não se pode ver a causa em si. Quando pensamos já refletimos: a nossa consciência lê em fenomenologia. O *Em Si ôntico* é a radicalidade da atividade psíquica, o projeto de natureza que constitui o ser humano. A Ontopsicologia tem por objeto a atividade psíquica inerente à fenomenologia humana, isto é, estuda a experiência psicológica, individua as causas que a constituem e os elementos que podem resolvê-la. A última redução que podemos fazer da atividade psíquica pura não é tanto energia, mas é o *processo de formalização*. As imagens são estruturas por meio das quais pode ocorrer qualquer variável energética. O princípio age apenas por meio da imagem. Ao dizer ‘atividade psíquica’, concebe-se o primeiro e fundamental mover-se do homem que, depois, efetua-se como pensamento, emoção, temperamento, caráter, memória, vontade, consciência (...). *A atividade psíquica é uma forma que presencia e especifica a ação* (MENEGETTI, 2012, pp. 26-28).

Na definição apresentada sobre atividade psíquica, cada palavra pesa, cada palavra tem o seu valor de conteúdo e explicativo, não podemos entender de modo superficial – como geralmente a nossa preguiça mental e ignorância funcionam. Para essa definição, palavra por palavra precisa ser estudada, levando o tempo que for, para que possamos compreender racionalmente e, depois, por evidência, cada aspecto único e uno do conceito. E essa é uma responsabilidade de compreensão individual e em conjunto de todos os estudiosos e

operadores dessa ciência, de modo completo, integral. E de todos aqueles que querem seriamente e cientificamente compreendê-la.

O autor afirma que “para compreender as dinâmicas e os projetos da vida é preciso ter uma contemporaneidade de diversos conhecimentos” (MENEGETTI, 2010, p. 129), como veremos no aspecto do método ontopsicológico. O objeto de estudo, a atividade psíquica, é um objeto que possui “...uma fase *inconsciente* (não perceptível) e uma fase *consciente* (visível em fenomenologia)”. A fase inconsciente diz respeito à ação-base, à(s) imagem(ns), à forma, à potência formalizante, por sua vez, a fase consciente é tudo o que diz respeito aos fenômenos, aos resultados, ao comportamento, à fenomenologia visível, ao resultado das causas, à formalização concreta.

Dessa forma, para compreender a inseidade da atividade psíquica, temos que recorrer a uma racionalidade *bilógica*: “‘Bilógica’ significa que são usadas duas lógicas: a) uma lógica intrínseca à estrutura que atua o projeto (...); e b) uma lógica relativa à conjuntura, à variável dos eventos” (MENEGETTI, 2010, p. 130).

Assim, o método ontopsicológico é “bilógico, processo racional indutivo-dedutivo, com novidade dos princípios complementares do campo semântico, Em Si ôntico, monitor de deflexão” (MENEGETTI, 2010, p. 131). Dois são os significados para o termo bilógico: a) método indutivo-dedutivo; b) lógica “científica” e lógica “intuitiva”. Mesmo dentro de cada uma das lógicas do método bilógico, existem mais dois modos lógicos nos quais proceder, a saber: 1) na parte do método indutivo-dedutivo, encontramos a lógica indutiva e dedutiva; e 2) e na parte do método que usa a lógica “científica” e a lógica “intuitiva”, encontramos cada uma das duas como dois modos de proceder da lógica também.

No primeiro aspecto, a parte do método que usa e emprega a lógica do método indutivo-dedutivo, conforme a divisão dos princípios da ciência, partindo de Aristóteles a Tomás de Aquino, a Kant, etc., chegamos ao fato de que existem dois sistemas de conhecimento na racionalidade humana: o indutivo e o dedutivo. No aspecto indutivo, a partir de alguns casos específicos conhecidos, chega-se a formular uma lei geral; do igual de diversos particulares, chega-se a uma unidade de causa. Quando se parte “do particular para o geral”, fazemos uma indução. No aspecto dedutivo, partindo de elementos já demonstrados, caso se encontre um fenômeno igual àqueles precedentes estudados, deduz-se que ele responde às mesmas leis. De uma lei geral, chega-se à formulação de uma lei particular implícita nela. Quando se parte do “geral para o particular”, fazemos dedução (MENEGETTI, 2010; EINSTEIN, 1919/2005; FERRARA, 1987; NASCIMENTO, 1998).

Na Filosofia, mais especificamente na Lógica, assim como na Física, indução e dedução são formas de raciocínio. Na indução, o raciocínio parte de elementos particulares até chegar em uma conclusão. Na dedução, o raciocínio parte da conclusão para chegar aos elementos particulares. Na Física, por exemplo, em 1919, Albert Einstein (2005) escreveu um breve ensaio intitulado *“Indução e Dedução na Física”*, discutindo o método indutivo, dedutivo e também apontando um especial papel da intuição na produção do conhecimento e das descobertas científicas, sendo que, para ele, a compreensão intuitiva dos aspectos essenciais é fundamental no enorme complexo de fatos que leva o pesquisador a construir uma ou várias leis fundamentais hipotéticas que, depois, serão trabalhadas pela indução e dedução. Para Einstein, na obra de 1919, a escolha intuitiva e a visão intuitiva (termos do próprio autor) do pesquisador são fundamentais para a ciência.

No segundo modo de proceder e empregar a lógica, usamos a lógica “científica” e a lógica “intuitiva”. A lógica científica foi desenvolvida por meio de séculos de pesquisa, tradições, experiências da Filosofia, Psicologia, História e tantas outras áreas. “É tudo aquilo que, em qualquer contexto histórico, já é acreditado e estabelecido por uma academia, por uma universidade, por uma cultura, etc.” (ibid.). Mas, junto disso, “a Ontopsicologia parte do princípio de que para compreender o homem é preciso usar todo o homem” (ibid.). Neste sentido, temos a lógica científica que nos descreve e explica tantas questões e conhecimentos importantes acerca do homem, mas também a lógica intuitiva, que, muitas vezes, refere-se a tudo o que não é reconhecido (ainda) pela ciência tradicional. Eis que o autor apresenta, em síntese, o método bilógico:

Retornando ao método bilógico, o ontopsicólogo¹³, para poder conhecer o homem, usa a intuição e o raciocínio indutivo-dedutivo, ou seja, une o conhecimento do campo semântico à lógica da razão. Não se trata de excluir a razão, mas de acrescentar o critério organísmico (MENEGETTI, 2010, p. 133).

A lógica da razão é dada pelo processo da lógica racional indutivo-dedutiva, unindo-se a esta e acrescentando a lógica intuitiva, dada pela análise cruzada do conhecimento e aplicação das três descobertas¹⁴ da Ontopsicologia – campo semântico, Em Si ôntico, monitor de deflexão. Não se exclui a razão, mas se lhe acrescenta o critério organísmico. Neste sentido, o critério organísmico é parte essencial do método ontopsicológico, que deve ser

¹³ Técnico operador de Ontopsicologia.

¹⁴ Para conhecimento inicial e aprofundado a respeito das três descobertas da Ontopsicologia, vide as obras Manual de Ontopsicologia (2010), Campo Semântico (2015b), Em Si do homem (2015c), Monitor de Deflexão (2017), de autoria de Antonio Meneghetti, Ontopsicológica Editora Universitária. Para utilizar e empregar o método ontopsicológico é fundamental o conhecimento, por parte do operador, científico-técnico-racional e também existencial e empírico das três descobertas da Ontopsicologia.

conhecido, aprendido e praticado em um *training* de autenticação por parte do operador de Ontopsicologia, para poder aplicar o método ontopsicológico com exatidão e precisão¹⁵. O critério organísmico é um:

Complexo de ações e reações determinadas pelo conjunto orgânico-corpóreo: em particular, o cérebro visceral, sistema cardíaco e pulmonar, estômago e funções sexuais e eróticas. O critério organísmico é vetor da emocionalidade com ausência de interferências cerebrais, ideológicas. É a exclusão de qualquer imagem, síntese ou programa definido como memética. Atualidade intuitiva, vivida em *flash* formal sem tempo e repetição (...). O cérebro viscerotônico é a primeira fenomenologia mais física e emocional do Em Si. Ele reage em antecipação a qualquer forma de conhecimento de que somos dotados. É a direta fenomenologia que o corpo expõe como significado da posição ou presença do Em Si ôntico (MENEGHETTI, 2012, pp. 70-71).

É a percepção organísmica que permitirá a compreensão da atualidade intuitiva, porém, obviamente, junto da exatidão de consciência do operador (um é premissa para o outro e um é também, ao mesmo tempo, resultado do outro). A percepção organísmica, por meio do complexo de ações e reações determinadas pelo conjunto orgânico-corpóreo, especialmente em toda a região do cérebro visceral (viscerotônico), que envolve o sistema cardíaco, pulmonar, estômago, intestinos e funções sexuais, dá-nos o impacto da informação real e intuitiva no aqui-agora, em cada momento e situação vividos. “A primeira fase de conhecimento é visceral e permanece primária por todo o arco da existência. O primeiro estado de reação do corpo humano é conhecimento na fase visceral, que responde com imediatismo de instinto; depois, o conhecimento formal se distribui” (MENEGHETTI, 2015b, p. 100).

A partir da percepção organísmica, essa percepção exata, é a consciência que deve ter a capacidade de compreensão racional fazendo uma leitura exata da realidade. Nesse ponto, a consciência deve ser um instrumento de leitura e compreensão transparente da realidade, sem operar o desvio/distorção/deflexão da informação por meio das lógicas meméticas, complexuais e do monitor de deflexão. Ter a capacidade de leitura com exatidão da informação é, ao mesmo tempo, premissa para a aplicação do método ontopsicológico e também um resultado da aplicação do método ontopsicológico. Fundamental, constante e cotidianamente, nesse processo para o operador desse conhecimento é fazer a revisão crítica da consciência, como, por exemplo, por meio da consultoria de autenticação.

¹⁵ *Training* onde três pontos são fundamentais de serem vivenciados por parte do operador: o estilo de vida, a metanoia e o estudo da Ontopsicologia.

Cabe, nesse ponto, verificar também o que é a intuição, já que uma das lógicas do método bilógico da Ontopsicologia é a lógica intuitiva. Intuição, com origem etimológica no latim, *intus actionis*, significa dentro ou íntimo da ação. Intuição é:

Saber o íntimo da ação. Ver o fazer. Conhecer os modos ou estruturas interiores de um projeto de ação ou evento. Colher as coordenadas de uma *gestalt*. Saber antes dos efeitos. Formalização do Eu a priori em relação a. Posição de ótima funcionalidade por parte do Em Si ôntico em relação a um projeto ou evento (MENEGETTI, 2012, p. 144).

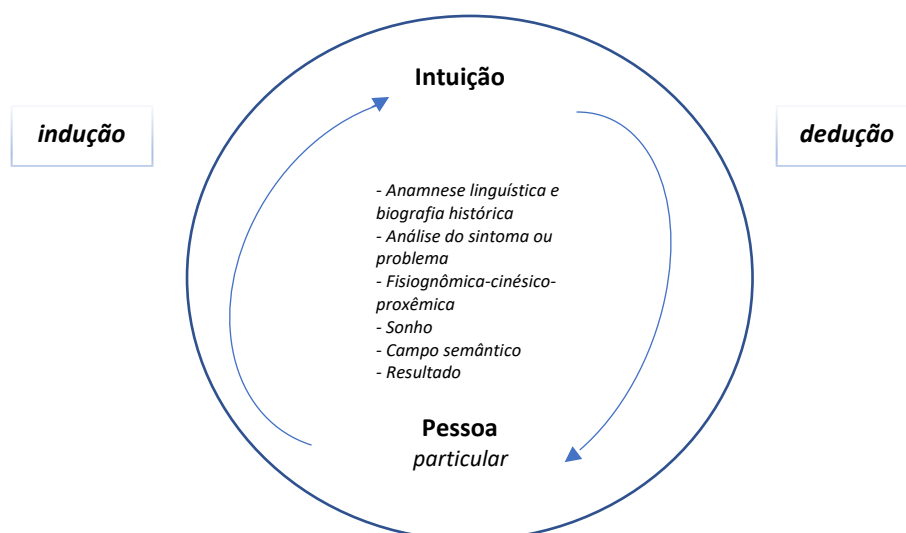
Intuição é a informação do Em Si ôntico em ato, em uma imagem, em um *flash*, em uma *gestalt* completa, como uma evidência, saber e ver o fazer no íntimo da ação. Na Escola Ontopsicológica, a compreensão de intuição não tem nada a ver com tudo o que se diz no senso comum a respeito de intuição ou com os saberes correntes a respeito. A partir do momento em que o Em Si ôntico já faz parte do Ser e é coligado ao íntimo da vida, se sabe antes e sabe-se por evidência, qual é a solução otimal em cada necessidade, momento, exigência, tarefa que o Eu lógico-histórico tenha, justamente esse ponto: “...posição de ótima funcionalidade por parte do Em Si ôntico em relação a um projeto ou evento” (ibid.). É necessário que o sujeito tenha uma consciência exata que saiba ler e colher essa informação. A intuição também é compreendida neste aspecto: “eu, sujeito, sou no objeto e o objeto é em mim no momento do uno. Esse é o ponto nevrálgico de toda a intuição” (MENEGETTI, 2007, p. 51). Nesse ponto, no método bilógico, o autor segue explicando que:

O ontopsicológico, na sua análise, parte da intuição conduzida através da leitura das seis linguagens diagnósticas¹⁶, com as quais faz uma diagnose completa (*indução*); sucessivamente demonstra fenomenicamente a intuição (*dedução*). A intuição é a semântica unidirecional do Em Si, em antecipação ao monitor de deflexão, aos complexos, aos estereótipos culturais e logísticos da sociedade. A *indução* é a pesquisa dos elementos para chegar à exatidão. A *dedução* é a partida de elementos já demonstrados (MENEGETTI, 2010, p. 133).

Formalizamos, aqui, em um gráfico, uma possível imagem para a verificação toda, junta dos dois modos de proceder da lógica no método ontopsicológico:

Gráfico 1: Aplicação do Método Bilógico considerando um momento de contato na relação entre consultor ontopsicológico e cliente, por exemplo (a intuição é a informação que o consultor tem do cliente no momento do impacto inicial)

¹⁶ Anamnese linguística e biografia histórica, análise do sintoma ou problema, fisiognômica-cinésica-proxêmica, sonho, campo semântico, resultado. Essas seis linguagens são os instrumentos de análise/diagnose da Ontopsicologia que integram, de modo especial, o método ontopsicológico [nota inserida pela autora].



Fonte: imagem elaborada neste estudo a partir da explicação de Meneghetti (2010).

Considerando a imagem anterior, o consultor, no momento do impacto inicial com o cliente, tem uma intuição (a partir de sua percepção organísmica utilizando o campo semântico – *lógica intuitiva*). Em sua análise, ele parte da intuição conduzida através da leitura das seis linguagens diagnósticas, com as quais faz uma diagnose completa (*momento da indução, lógica racional indutiva*) e, a partir disso, sucessivamente, demonstra fenomenicamente a intuição (*momento da dedução, lógica racional dedutiva*). A indução é a pesquisa dos elementos para chegar à exatidão, porém, já a partir do momento da percepção da intuição. A dedução é a partida de elementos já demonstrados – a saber, as informações a partir do uso das seis linguagens diagnósticas apresentadas – para confirmar a informação primeira, obtida por meio da intuição. A partir da intuição, inicia-se o processo indutivo e faz-se uma diagnose completa. Na sequência, evidenciada a fenomênica da intuição, procede-se ao processo dedutivo. Tentamos separar para explicar e compreender, porém, esse processo e aplicação do método bilógico dá-se de modo amalgamado, é todo junto.

Uma vez colhida a realidade por meio da percepção visceral, que indica biologicamente a situação, é preciso fazer um compromisso histórico, sincronizando aquele conhecimento com as ordens da racionalidade social. É preciso usar ambos os conhecimentos, aproximar-se do real de modo *bilógico*; a natureza dá a informação sobre a exatidão da situação, depois o sujeito deve impostar uma estratégia de modo racional, porque o homem é também histórico (MENEGETTI, 2015b, p. 100).

Essa última parte da citação é uma síntese da aplicação do método bilógico: *é preciso usar ambos os conhecimentos, aproximar-se do real de modo bilógico, pois, a natureza dá a informação sobre a exatidão da situação, depois o sujeito deve impostar uma estratégia de modo racional, porque o homem é também histórico*. A partícula “bi(s)-”, de “bilógico”,

provém do advérbio latino *bis* que significa *duas vezes*¹⁷. No método bilógico, então, a lógica “caminha” duas vezes, ou podemos dizer de duas formas a lógica “caminha”/“é aplicada”: do modo racional indutivo-dedutivo e do modo intuitivo, uma identificando a outra e uma reforçando a outra. É, de fato, uma revolução de paradigma científico para enriquecer o processo perceptivo-cognitivo metodológico do conhecer humano, que não deixa de usar a lógica do paradigma positivista (a razão, a racionalidade), ao contrário, enrique-o, pois, à lógica da razão é acrescentada a lógica intuitiva, dada pela análise cruzada com novidade dos princípios complementares de campo semântico, Em Si ôntico, monitor de deflexão. No entanto, a tarefa fundamental “...é aquela de recuperar a integridade de consciência sobre a informação organísmica, de outro modo a ciência é impossível. O erro está sempre na consciência porque não reflete bem como as coisas estão para o sujeito” (MENEGETTI, 2014, p. 13). Por isso, o método da Ciência Ontopsicológica propõe, continuamente, a necessidade da revisão crítica da consciência para refundá-la sobre bases ontológicas.

Uma vez que o ontopsicólogo¹⁸ tem a intuição da situação do cliente (através da comparação do que é evidenciado pelo campo semântico), procede através da indução, fazendo algumas provas (‘vejamos se isto... etc.’). No final demonstra a causa ao sujeito, através da dedução (‘Portanto, é assim... verificado isso... está mal porque quando menino teve isso’) (...). Contata-se o cliente através da percepção do campo semântico. Depois do impacto com ele, faz-se a análise da sua situação, unindo – à análise efetuada através da percepção do campo semântico – a análise efetuada pela leitura das outras quatro linguagens (anamnese, problema ou sintoma, cinésico-proxêmica, sonho): evidencia-se o estado do cliente, o complexo, e intercepta-se o fim primário. Para curar, não basta fazer o levantamento da causa da patologia ou do problema do cliente, mas – além disso – *é preciso encontrar a pulsão do Em Si ôntico em situação*. Isso consente uniformar o Eu lógico-histórico do sujeito à sua intencionalidade de natureza. Através da leitura do campo semântico, é possível evidenciar tanto a pulsão do complexo (que não permite realizar a unidade de ação de modo funcional), quanto o que o Em Si indica (MENEGETTI, 2010, pp. 133-134).

Com a aplicação do método ontopsicológico, em uma situação de consultoria de autenticação¹⁹, por exemplo, de acordo com as explicações apresentadas até então, acerca da metódica bilógica, é possível evidenciar o estado do cliente de modo integral, verificar a informação/intencionalidade do complexo dominante e interceptar/apreender a finalidade primeira dessa pessoa, a informação/intencionalidade do Em Si ôntico. Nesse ponto, o primeiro aspecto da demonstração do método ontopsicológico é o desaparecimento do problema ou do sintoma. Para, de fato, resolver o ponto inicial é fazer o levantamento da

¹⁷ Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, versão eletrônica.

¹⁸ Profissional técnico que aplica o método da Ciência Ontopsicológica [nota inserida pela autora].

¹⁹ Para conhecimento, verificar os instrumentos de intervenção da Escola Ontopsicológica, na Parte II do livro Manual de Ontopsicologia, p. 281-330 (MENEGETTI, 2010).

causa da patologia ou do problema do cliente e evidenciar essa informação para ele. Para que ocorra a resolução dessa situação é responsabilidade do cliente decidir o que fará com essa informação, pois a partir do momento em que sabe, uma ação importante seria fazer a mudança. Porém, a decisão e escolha são sempre do cliente.

Vidor (2013) ratifica essa explicação salientando que, para que o eu consciente esteja em coincidência com os valores da própria vida, inerentes à natureza, a Ontopsicologia propõe o método indutivo-dedutivo e intuitivo.

Como bem evidenciado por Meneghetti (2010), “...para curar não basta fazer o levantamento da causa da patologia ou do problema do cliente, mas – além disso – é preciso encontrar a pulsão²⁰ do Em Si ôntico em situação, compreendê-la e realizá-la e atuá-la no contexto histórico-social, sendo essa uma tarefa do Eu lógico-histórico a cada momento. Caso assim seja feito, essa passagem consente uniformar o Eu lógico-histórico do sujeito à sua intencionalidade de natureza naquele momento e produzir autóctise histórica.

No aspecto da lógica intuitiva, com a aplicação cruzada das três descobertas da Ontopsicologia, como apresentado pelo autor, por meio da leitura do campo semântico é possível evidenciar a pulsão do complexo (que não permite realizar a unidade de ação de modo funcional), quanto a informação do Em Si ôntico (MENEGHETTI, 2010), sendo esses dois pontos/momentos de total importância na aplicação do método ontopsicológico. É necessário retomar a norma de sanidade em um primeiro momento, mas não somente isso, para a realização, de fato, do sujeito, é preciso, continuamente, seguir e realizar a pulsão do Em Si ôntico momento a momento. Esse ponto fica claro em Meneghetti (2014), quando aborda que é necessário que se identifique a informação do Em Si ôntico em cada sujeito e que se trabalhe para a evolução e atuação dessa informação no contexto histórico:

Identificar o Em Si ôntico e começar a autenticação do sujeito, ou seja, reportar o sujeito da dispersão produzida pela mêmica societária à virtualidade da própria intencionalidade de natureza (autêntico significa ser igual a como o ser nos põe). Uma vez individuado o projeto originário, o Em Si ôntico daquele sujeito, como se pode educá-lo? É preciso saber individuar quais são as passagens práticas, existenciais para a evolução do Em Si ôntico na práxis existencial (MENEGHETTI, 2014, pp. 15-16).

Aí tratamos do processo de evolução em criatividade do sujeito. Mas não de uma mera criatividade como pode ser conhecida no senso comum, pois a finalidade “...da existência humana é a criatividade. O ser humano não é feito para repetir, mas para evoluir”

²⁰ Pulsão, em Psicanálise, é entendido como um “processo dinâmico, força ou pressão, que faz o organismo tender para uma meta, a qual suprime o estado de tensão ou excitação corporal que é a fonte do processo” (HOUAISS, versão eletrônica).

(MENEGETTI, 2010, p. 230). Na lógica da finalidade da existência humana em criatividade, constantemente a pessoa deve subjetivar o objeto, metabolizar o objeto, de acordo com a solução ótima do próprio Eu em Si ontico em ato histórico, para transformar o mundo como próprio Eu (ibid.).

Ser criativo, neste sentido, significa saber dar/encontrar respostas novas, específicas para os problemas e as necessidades que se apresentam – que, muitas vezes, até são semelhantes, mas que exigem novidades e inovação de solução. Dessa forma, considerando o método bilógico e a premissa de ser uma ciência interdisciplinar, a Ontopsicologia é, de fato, “...um método para autenticar e desenvolver o homem criativo, mas para obter isso é preciso *saber ler o princípio elementar que constitui a natureza humana* e criteriar o positivo e negativo para ela” (MENEGETTI, 2014, p. 13).

Um dos aspectos fundamentais da lógica da interdisciplinaridade, de acordo com Nicolescu (1999), é justamente este: a interdisciplinaridade diz respeito à transferência de métodos de uma disciplina para outra. Neste sentido, também a Ontopsicologia é interdisciplinar, pois o seu método pode ser utilizado/aplicado no interior de outras disciplinas. Nicolescu (1999) afirma que a interdisciplinaridade possui três graus: a) um *grau de aplicação*, no qual, por exemplo, os métodos da Física Nuclear transferidos para a Medicina levam ao aparecimento de novos tratamentos para o câncer; b) um *grau epistemológico*, no qual a transferência de métodos da Lógica formal para o Direito produz análises interessantes na epistemologia do Direito, por exemplo; c) um *grau de geração de novas disciplinas*, em que a transferência dos métodos da Matemática para os fenômenos meteorológicos ou para os da bolsa de valores origina a teoria do caos²¹, por sua vez.

O método bilógico ontopsicológico tem como finalidade conhecer as causas primeiras, por esse motivo também que uma das principais definições da Ciência Ontopsicológica é configurada da seguinte forma: “...estudo dos comportamentos psíquicos em primeira atualidade, não excluída a compreensão do ser” (MENEGETTI, 2010, p. 19). Nessa definição, a expressão “em primeira atualidade” significa, justamente, estudar a atividade psíquica (objeto de estudo da Ontopsicologia), enquanto está agindo, pois a psique humana continuamente age e colhe-la/compreendê-la em causa, conhecer a e na causa. Considerando a lógica da interdisciplinaridade apresentada anteriormente, é também neste sentido que o método biológico valida a Ontopsicologia como uma ciência interdisciplinar, pois em todas as áreas do conhecimento é fundamental conhecer as causas dos fenômenos para poder direcionar-se os resultados em prol da eficiência humana e do conhecimento científico.

²¹ Nicolescu (1999) citado por Ribeiro (2019).

Para a formação do profissional técnico que irá utilizar esse método, portanto, são necessárias três preparações, tendo em vista a possibilidade de conhecer em antecipação as causas por meio de um método que permite ao ser humano e as suas fenomenologias resultados de funcionalidade e evolução. Meneghetti (2010) salienta essas preparações da seguinte forma:

A metodologia se expõe principalmente sobre três preparações por parte do operador: a) *bagagem de conhecimentos sobre a teoria ontopsicológica*; b) *autenticidade da pessoa* (o operador deve ser exato, portanto, deve fazer metanoia, e isso significa distanciar-se da fixidez dos estereótipos sociais, não ser mais ator do sistema e ter uma lógica exata); c) *conhecimento do campo semântico*. O campo semântico é válido somente na pessoa que tem a bagagem cognoscitiva da Ontopsicologia e fez metanoia. Esses três aspectos devem estar presentes sempre continuamente (MENEGETTI, 2010, p. 134).

Esses são, portanto, três aspectos de preparação que devem estar continuamente presentes no operador que deseja aplicar o método ontopsicológico: a bagagem de conhecimentos teóricos ontopsicológicos como estudo técnico, racional, científico; a autenticidade da pessoa – com ênfase para o aspecto da metanoia, do distanciar-se da fixidez dos estereótipos sociais e do sistema, desenvolvendo uma exatidão de consciência – aspecto de formação existencial; e conhecimento sobre o campo semântico – que se torna, ao mesmo tempo, premissa, em uma dinâmica dialética, para a pessoa que tem bagagem de conhecimento cognoscitivo-teórico da Ontopsicologia e que faz, continuamente, metanoia.

2.3 O Método Ontopsicológico e o Nexa Ontológico

O método ontopsicológico com a possibilidade de conhecer as causas primeiras requer uma racionalidade *bilógica*. Como visto anteriormente, o termo ‘bilógico’ no sentido aplica-se no sentido que “...significa que são usadas duas lógicas: a) uma lógica intrínseca à estrutura que atua o projeto (...); e b) uma lógica relativa à conjuntura, à variável dos eventos” (MENEGETTI, 2010, p. 130). A primeira lógica é a lógica intuitiva e a segunda lógica, a lógica racional indutiva-dedutiva.

Na exposição, explicação e orientações acerca da implementação do Curso de Bacharelado em Ontopsicologia, realizada em parte de uma das conferências proferidas pelo Acadêmico Professor Antonio Meneghetti no dia 14 de outubro de 2012, por ocasião de um *residence* ontopsicológico, no Centro Ecobiológico de Lizari, próximo à Riga, capital da

Letônia, Meneghetti finalizou aquela parte da conferência com uma intervenção prática que será aqui relatada/narrada na seguinte cena²²:

Está situado em pé na sala de conferências, em frente à mesa desta sala e a todo o público ali presente, colocando-se no papel de um cientista, pesquisador, como se estivesse falando de si mesmo, com a mão direita apoiada no centro de seu peito e a mão esquerda no bolso do colete, verbaliza:

*'Eu, grande cientista, grande médico, grande sociólogo,
grande pedagogo, grande, etc., etc., etc. ...'*

Ao terminar de verbalizar esta frase, caminha, deslocando-se do lado esquerdo para o direito na frente da sala, na frente e ao chegar próximo a um rapaz que está sentado em um banco alto olhando para ele, direciona-se olhando para as costas do rapaz, toca-as com a mão direita fechada como se 'batendo'²³ com a ponta dos dedos da mão direita, em um ponto dessas costas. Neste momento, o rapaz, que está sentado olhando-o para ele, faz um movimento de deixar as costas eretas e continua olhando a ele. Em seguida, Meneghetti, das costas, estando de lado ao rapaz, toca em seu braço esquerdo retirando sua mão da perna esquerda. Meneghetti está um pouco encurvado agora e toca, mantendo o mesmo formato da mão direita o joelho esquerdo do rapaz, e olha para o joelho, enquanto o rapaz continua olhando para ele e sorri. Na sequência, Meneghetti afasta-se levemente da direção do rapaz como se fosse olhar para ele um pouco mais de longe, deixa suas costas eretas, olha de frente para o rapaz e levanta levemente suas duas sobrancelhas como se estivesse observando algo com maior curiosidade. Imediatamente, aproxima-se do rapaz e com suas duas mãos toca os olhos do rapaz (que rapidamente os fecha), como se estivesse examinando os olhos dele, afasta-se novamente para olhar de uma posição um pouco mais distante e coloca sua mão esquerda sobre seu queixo, em uma posição de indagação. Logo, caminha girando até atrás do rapaz, na lateral e levanta uma ponta de seu casaco, e o rapaz sorri e olha para trás para ver o que está fazendo. Meneghetti retorna para a frente e levanta o braço esquerdo do rapaz, que estava apoiado na perna do próprio rapaz e segura e observa os dedos da mão esquerda do rapaz, enquanto o rapaz acompanha com o olhar e em silêncio todos estes movimentos de observação, ele larga de leve o braço e a mão esquerda sobre a perna para continuar apoiado. Então, Meneghetti afasta-se novamente do rapaz e cruza os braços, observando com posição de indagação, enquanto apoia novamente sua mão esquerda sobre seu queixo (de Meneghetti), aproxima-se do rapaz, colocando levemente sua mão sobre o ombro esquerdo, estando lado a lado com o rapaz, olhando em seus olhos e diz (chama seu nome):

- Igor?!

Enquanto o rapaz, olhando para Meneghetti, faz um sinal de, rapidamente, levantar e abaixar sua cabeça, como que respondendo fisiognomicamente ao chamado de seu nome por Meneghetti. Na sequência, Meneghetti dirige-se ao público presente e diz:

- Toda a ciência faz aquilo que eu fazia: indaga o objeto permanecendo estranha a ele. Com a percepção semântica [e neste momento Meneghetti faz um gesto com sua mão direita de ida e volta em relação ao seu viscerotônico e do rapaz], sei que é um como eu. Sei que é Igor, depois eu posso fazer a aplicação médica, se está mal, se tem uma doença nas pontas do cabelo, sei lá. Mas, com o nexo ontológico, eu tenho a primeira causa, a primeira entidade, a primeira identidade do objetivo de pesquisa, a primeira identidade do objeto de pesquisa. Isto é, é o conhecimento que a natureza usa consigo mesma, que o universo usa consigo mesmo, e é igual²⁴.

Na cena aqui narrada, encontramos uma brevíssima apresentação do que vem a ser a aplicação em ato do método bilógico. Isto é, processo de investigação/pesquisa e processo de

²² Na narrativa que ora se segue, as palavras escritas com letra em posição normal, apenas com tamanho menor, 10, referem-se à descrição feita pela autora deste artigo a partir da visualização, diversas vezes, das imagens gravadas em vídeo do momento em questão. As palavras escritas em itálico e entre aspas referem-se ao conteúdo/informação verbal que foi proferida pelo Acadêmico Professor Antonio Meneghetti na cena relatada/narrada.

²³ Com a mão direita fechada como se faz ao bater em uma porta.

²⁴ Informação verbal de conferência proferida por Meneghetti no *Residence Nostalgia-Lizari* realizado no Centro Ecobiológico de Lizari, dias 12 a 14 de outubro de 2012, próximo à Riga, Letônia.

conhecimento racional indutivo-dedutivo, com observação de acordo com o método científico galileano, com a novidade dos princípios complementares de campo semântico, Em Si ôntico, monitor de deflexão, que permitem configurar a lógica intuitiva, tendo a aplicação de ambas as lógicas continuamente confrontadas e complementares uma a outra.

De modo geral, toda a nossa ciência positivista faz isso: *“indaga o objeto permanecendo estranha a ele”*, o que configura um modo de conhecer, que não é errado, mas que possui uma especificação metodológica que é justamente conhecer de modo neutro, sem envolvimento subjetivo, conhecer de modo externo, fazendo observação conforme descrita por esse método, conhecer de modo objetivo, racional, como apresentado no início deste estudo e como visto em Khun (2011), ao advertir a necessidade de um método a partir do qual olhar não somente o que é externo (o que está fora de nós), mas também aquilo que é interno. Ora, essa proposta de modo de conhecer produzirá um tipo de conhecimento com um certo limite, como expresso, não errado, mas incompleto, ou seja, se conhecem os efeitos, os fenômenos, “o depois”, os comportamentos, aquilo que é visto/objetivo, com esse método.

A complementaridade com o conhecimento resultante da aplicação do segundo modo da lógica, como proposto pelo método ontopsicológico, isto é, retomando o uso contemporâneo das três descobertas da Ontopsicologia, permite evidenciar o porquê, as causas, o nexo ontológico. Como expresso pelo autor, *“...com o nexo ontológico eu tenho a primeira causa, a primeira entidade, a primeira identidade do objeto de pesquisa...”*.

A lógica intuitiva, do método bilógico, com a análise cruzada propiciada pela informação resultante da aplicação das três descobertas da Ontopsicologia dá a possibilidade de conhecer “de dentro” do próprio sujeito do conhecimento, a causa. E esse é um dos pontos sobre porque o método da Ontopsicologia pode ser usado/aplicado no interior de todas as demais ciências, intensificando a interdisciplinaridade, pois retoma a comunicação do campo semântico, a comunicação e a informação que a vida usa no interior das próprias individuações.

3 Considerações Finais

Do quanto aqui visto e estudado, a Ciência Positivista não tem a conexão, o *link*, o contato, de fato, com o real em si, com a causa, com o conhecer a partir de dentro do sujeito, com exatidão de consciências, as causas que não são explicadas de modo externo. Em complementaridade, a Ciência Ontopsicológica dá essa solução em relação à causalidade primeira da vida, das coisas, das situações, dos efeitos que operam dentro do homem, da vida,

da sociedade. Todas as disciplinas aprendem estereótipos e, depois, para conhecer o objeto de pesquisa fazem-no por meio destes estereótipos. Mas o problema existe sempre, persiste. Dão o mundo por pressuposto, a nossa consciência dá o mundo por pressuposto – operamos, assim, a partir da Ciência Positivista, que nos ensina a olhar o mundo e a considerar o mundo de modo objetivo (objetivista) e autônomo, mas, enquanto isso, perdemos o mundo-da-vida²⁵. Na Ciência Positivista, toda pesquisa é somente feita com o Eu, a partir do Eu, com a consciência, um Eu formado pela sociedade, no entanto, é um Eu que não é autêntico, pois a sua consciência, na grande maioria das vezes, não possui reversibilidade com o real.

Dessa forma, a nossa ciência está fora, perdeu a causalidade real. É necessário um outro tipo de análise sobre as informações que são já ativas na natureza intrínseca entre o homem e o objeto de pesquisa. A Ontopsicologia está de acordo com os conhecimentos técnicos. Mas diz, confirma, demonstra que há um *link a priori* entre o operador e o objeto de pesquisa – esse *link* é baseado sobre a semântica, a intuição do Em Si ôntico, que diz em relação a qualquer situação se é própria ou não é própria, funcional ou não, se é dentro ou fora, qual o modo de conveniência para o sujeito. Existe sempre, imediatamente, uma resposta organísmica do sujeito. O ser do objeto e o ser do sujeito são símiles, são iguais e, portanto, dá-se o conhecimento. E isso é possível com a aplicação do método bilógico da Ontopsicologia.

O nexo ontológico “é a passagem em que o meu pensamento coincide com o mundo-da-vida” (MENEGETTI, 2002/2010, p. 503). Nexo ontológico é, então, reencontrar o ponto de contato, o ponto de encontro, entre o Eu lógico-histórico e Em Si ôntico, para produzir a evidência do conhecimento exato, no sentido de conhecimento que possui a reversibilidade com o real, com o mundo-da-vida. “A Ontopsicologia se preocupa sempre com o *nexus*: a lógica do homem, o seu conteudismo é adequado ao real?” (MENEGETTI, 2009a, p. 61). A ciência exata deve ter sempre ativo e definido o modo que age, o *nexus* com o real externo, com o real material concreto. Qualquer situação humana pode ser resolvida a partir do momento que o operador conhece o *nexus* científico, porque a realidade responde a ele e isso é sempre demonstrado pelos resultados. Portanto, a cognição exata é aquela que tem a capacidade ao *nexus*, à conexão, à interação, à reversibilidade, evidências que o método ontopsicológico consente ao operador técnico que possui continuamente as três preparações aqui apresentadas.

²⁵ Husserl (1961).

Referências

- BOHR, N. *Física atômica e conhecimento humano*. Ensaios 1932-1957. Rio de Janeiro: Contraponto, 1995.
- COSTA, F. A. da; VIDEIRA, A. A. Apresentação ao Manuscrito de 1942. p. 7-38. In: HEISENBERG, W. K. *A ordenação da realidade (1942)*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.
- DEL MONTE, E. S. Psiche, soma, monitor di deflessione. L'ipotesi di campo in ontopsicologia e in fisica. *Nuova Ontopsicologia*, n. 3, p. 15-28, Roma, 1991.
- EINSTEIN, A. Indução e dedução na Física (1919). *Scientiae Studia*, São Paulo, v. 3, n. 1, p. 663-664, 2005.
- FERRARA, L. A ciência do olhar atento. *Trans/Form/Ação*, São Paulo, v. 9, n. 10, p. 1-7, 1987.
- FREUD, S. *O Delírio e os Sonhos na Gradiva, Análise da Fobia de um Garoto de Cinco Anos e Outros Textos*. Obras Completas. V. 8. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- HEISENBERG, W. K. *A parte e o todo*. Encontros e conversas sobre física, filosofia, religião e política. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.
- HEISENBERG, W. K. *Física e Filosofia*. Milano: Il Saggiatore, 2003.
- HEISENBERG, W. K. *A ordenação da realidade (1942)*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.
- HEISENBERG, W. K. *Le manuscrite de 1942*. Paris: Éditions Allia, 2010.
- HEISENBERG, W. K. *Quantentheorie und Philosophie*. Stuttgart: Reclam, 2015a.
- HEISENBERG, W. K. *Mutamenti nelle basi della scienza*. Torino: Bollati Boringhieri, 2015b.
- HOUAISS, A. *Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*. Versão 2.0.1.
- HUSSERL, E. *La crisi delle scienze europee e la fenomenologia trascendentale*. Per un sapere umanistico. Milano: Il Saggiatore, 1961.
- KANT, I. *Critica della ragion pura*. Bari: Laterza, 1979.
- KUHN, T. *A estrutura das revoluções científicas*. 10. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- MENEGHETTI, A. O nexó ontológico na fenomenologia das ciências. p. 499-509. In: MENEGHETTI, A. *Manual de Ontopsicologia*. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2002/2010.
- MENEGHETTI, A. *Nova Fronda Virescit*. Introdução à Ontopsicologia para jovens. Vol. 1. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editrice, 2006.

MENEGHETTI, A. Campo Semântico: individuação e estratégia. Interferência sobre o operador. p. 49-61. In: MENEGHETTI, A. *Atos do Congresso Business Intuition 2004*. São Paulo: FOIL, 2007.

MENEGHETTI, A. *Dalla coscienza all'Essere. Come impostare la filosofia del futuro*. Roma: Psicologica Editrice, 2009.

MENEGHETTI, A. *Manual de Ontopsicologia*. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2010.

MENEGHETTI, A. *Dicionário de Ontopsicologia*. 2. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2012.

MENEGHETTI, A. *Pedagogia Ontopsicológica*. 3. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2014.

MENEGHETTI, A. *Filosofia Ontopsicológica*. 5. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2015a.

MENEGHETTI, A. *Campo Semântico*. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2015b.

MENEGHETTI, A. *O Em Si do homem*. 5. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2015c.

MENEGHETTI, A. *O monitor de deflexão na psique humana*. 3. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2017.

NASCIMENTO JÚNIOR, A. F. Fragmentos da construção histórica do pensamento neo-empirista. *Revista Ciência & Educação*, v. 5. N. 1, p. 37-54, 1998.

NICOLESCU, B. *O Manifesto da Transdisciplinaridade*. São Paulo: Triom, 1999.

RIBEIRO, T. A. N. *Fenomenologia e Transdisciplinaridade: contribuições para a formação em Psicologia*. Projeto de Pesquisa para Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Minas Gerais, 2019.

SANTOS, A. M. Nunes dos. *Werner Heisenberg. Páginas de reflexão e auto-retrato*. Lisboa: Gradiva, 1990.

VIDOR, A. *Fenomenologia e Ontopsicologia: de Husserl a Meneghetti*. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2013.

Em 1973 a ontopsicologia foi formalmente criada pelo cientista e professor Antonio Meneghetti, podendo ser definida como “o estudo dos comportamentos psíquicos em primeira atualidade, incluída a compreensão do ser; estudar Psicologia segundo coordenadas do real, ou intencionalidade da ação-vida, ou ação-ser.” (MENEGETTI, 2012).

Durante seu percurso científico em busca do projeto de natureza que constitui o ser humano, Meneghetti realizou 3 descobertas científicas, sendo essenciais para a práxis da Ontopsicologia: Em Si ôntico (a essência pura e objetiva do ser, ou a origem da identidade individual), campo semântico (informação que a natureza media no interior das próprias individuações), e monitor de deflexão (um mecanismo psíquico que desvia a percepção da realidade, afastando o indivíduo de seu verdadeiro eu).

Em Si ôntico: “Alma”, como também é chamado pelos filósofos da antiguidade, o Em Si é entendido como o projeto base de natureza que constitui o ser humano, ou mais detalhadamente:

O Em Si ôntico é considerado a descoberta fundamental para a Ontopsicologia, é o princípio ôntico existencial no homem. Esse princípio ou projeto-base de natureza constitui o ser humano e é o critério da identidade do indivíduo - quer como pessoa, quer como relação. (ACCORSI, 2021. p. 39).

Campo semântico: O campo semântico é um transformador informático que não desloca energia alguma, ou seja, não transfere energia, mas fornece a forma de passagem da energia, como transmitir uma imagem por exemplo. (MENEGETTI, 2022. p. 199). Trata-se de um conjunto de significados objetivos, reais e presentes em uma situação, pessoa ou objeto, que é intuitivamente percebido pelos seres humanos.

Monitor de Deflexão: O monitor de deflexão segundo a Escola Ontopsicológica é um sistema psíquico inconsciente que age como um mecanismo de defesa ao corromper a capacidade do indivíduo de perceber a realidade da maneira como ela é, bloqueando parcialmente ou totalmente o acesso ao Em Si. O monitor é capaz de gerar ilusões, equívocos, enganos e escolhas que não correspondem ao melhor da própria natureza, também como é capaz de agir de modo autônomo ao gerir informações e impedir o indivíduo de discriminar informações reais daquelas criadas ou distorcidas pelo monitor. (MENEGETTI, 2022. p. 334).

Ao referir-se ao sonho com base no critério semântico, é possível distinguir um sonho verdadeiro do falso, ou seja, se o sonho é inventado, sem dinâmicas inconscientes, se não faz campo semântico durante sua verbalização, se é um racional exato sem investimento do Em Si

ou até mesmo inteiramente construído pelo monitor de deflexão, trata-se de um sonho falso, ou seja, é um símbolo sem investimento de emoção organísmica (MENEGETTI, 2020. p. 131).

A interpretação de sonhos é uma das ferramentas mais importantes na atuação de um ontoterapeuta na ontopsicologia, utilizando-se do sonho, o consultor tem a possibilidade de identificar se o cliente está mal, onde está mal, qual é o modo da doença e o que motiva (MENEGETTI, 2022, p. 326), é também entendido como “espelho holístico da atividade orgânica e funcional do nosso existir” (MENEGETTI, 2012).

Todo o sonho segue a seguinte hierarquia:

1. O sonho indica a situação orgânica do sonhador, ou seja, sua integridade física no contexto biológico;
2. O sonho analisa as referências afetivas e de segurança do sonhador, ou seja, os indivíduos mais próximos do mesmo, como familiares e conhecidos próximos;
3. O sonho analisa as pessoas na qual o sonhador confia no contexto profissional e acadêmico, como colegas de trabalho e de classe;
4. O sonho analisa a esfera social, empresarial, econômica e política referente ao sonhador.

Para interpretar os sonhos segundo o método ontopsicológico, deve usar como base onze elementos, divididos em três princípios para a interpretação, quatro fontes que originam a simbologia e quatro elementos da cena onírica, levando em conta também a interferência do monitor de deflexão, já que o mesmo se faz presente nos sonhos (ACCORSI, 2021. p. 88).

Retomando estes onze critérios para a análise e interpretação de sonhos, a seguir todos serão detalhados conforme suas descrições no livro Manual de Ontopsicologia, primeiramente, dividem-se os três princípios de interpretação em:

1. Natureza causal do símbolo: Ao analisar um símbolo em um sonho, tal qual um objeto ou entidade (pessoa ou animal), deve-se verificar o que o mesmo causa ou o que é produzido a partir do mesmo, por exemplo, se alguém sonha com um rato, entende-se que “o rato é um roedor que destrói as coisas e causa danos” (MENEGETTI, 2022. p. 328);
2. Efetivação funcional para o sujeito: Todo o símbolo em um sonho possui a presença ou ausência de uma função biológica e utilitarista relativa ao sonhador, e a partir desta identificação, faz-se o objeto com valor positivo ou negativo ao sujeito que sonha, por exemplo, quando se sonha que se cozinha um peixe, isso significa uma boa colheita, boa pesca ou bom ganho existencial,

dependendo do contexto do sonhador, este princípio, entende-se que o peixe cozido é nutritivo e faz bem à saúde. A validade do símbolo se dá pela sua relação com aquele que sonha. (MENEGETTI, 2022. p. 329).

3. Critério semântico: Com base no critério semântico durante o relato de um sonho, por exemplo, é possível identificar a direção ou destinatário de um símbolo. Meneghetti ao explicar o critério semântico relata um caso de exemplo em que escuta o sonho de uma mulher, mas durante a verbalização dela, ele sente uma tumescência em seu pênis, indicando que a mulher contou seu sonho de forma ingênua, deixando a entender que o sonho possui conteúdo sexual implícito para a sonhadora. É possível identificar um sonho falso com base no critério semântico também.

Com base no critério semântico, se é também capaz de distinguir o sonho verdadeiro do sonho falso, isto é, pode-se discriminar entre o sonho inventado, sem dinâmicas inconscientes, o sonho construído pelo monitor de deflexão e o sonho que implica significâncias reais. (MENEGETTI, 2022. p. 333).

As quatro fontes da psicogênese dos símbolos dos sonhos são:

1. Realidade social: Ao analisar a origem de um determinado símbolo em um sonho, é importante levar em consideração a realidade social do sonhador, como sua família, trabalho, religião e laços afetuosos, o sujeito é daquele modo, porque vive naquele contexto de ativação social (MENEGETTI, 2022. p. 337).
2. Visualização dos nossos instintos:

O sonho visualiza a estruturação e a dominância, naquele momento, dos instintos do sujeito. Por “instinto” entende-se uma ordem de inteligência da natureza, portanto, uma estrutura funcional do orgânico individual. (MENEGETTI, 2022. p. 337).

3. Formalizações semânticas derivadas do externo:

São os derivados dos campos semânticos que informam o comportamento de um sujeito: o símbolo deriva de tudo o que pode ser a imagem recebida de semânticas coercivas do externo [...]. O sonho, na sua direção teatral, absorve também a visualização de semânticas que estão informando ou deformando o indivíduo. (MENEGETTI, 2022. p. 337).

4. Pulsões meta-históricas da humanidade:

A humanidade é fruto de uma longa história que a determina também psiquicamente. Existem constelações psíquicas agentes que condicionam quer seja a sociedade, quer seja o indivíduo singularmente. (ACCORSI, 2021. p. 86).

Por fim, os quatro aspectos a serem lidos da cena onírica:

1. Ação em mutação: “É o elemento coordenador de toda a aparência e referência. É a individuação do movimento em si.” (ACCORSI, 2021. p. 87).
2. Ambiente: O ambiente presente no sonho refere-se aos lugares em que a ação se desenvolve, o mesmo também é capaz de revelar o estado existencial ou global do sonhador no momento que sonhou. Se uma pessoa sonha que está em um bosque na época de primavera, significa que está em uma situação existencial em que está desenvolvendo crescimento e satisfação, mesmo que os frutos ainda não tenham chegado. (MENEGETTI, 2022. p. 339).
3. Pessoas ou indivíduos: Em um sonho não é incomum pessoas conhecidas aparecerem, sejam amigos, familiares ou colegas de trabalho ou faculdade, essas pessoas são condensados de realidade vivida pelo sonhador, podem significar elas mesmas ou representar traços da personalidade daquele que sonha. (ACCORSI, 2021. p. 87).
4. Sentimentos:

São o quanto de valor (ou de incidência) que a ação da vida tem em vantagem ou em desvantagem para o sujeito. [...]. Uma imagem é real por quanto investimento e participação emotiva possui. O elemento mais real na situação cotidiana é aquele que o sujeito investe de curiosidade e de interesse dentro do sonho. (MENEGETTI, 2022. p. 339).

O maior diferencial do método de interpretação da ontopsicologia frente a outras técnicas é o critério base de análise do relato onírico, o biológico. Meneghetti diz em seu livro *Prontuário Onírico* que:

A primeira revolução que a Ontopsicologia traz na interpretação de sonhos é o fato de se basear no significado biológico e efetivo da funcionalidade do sonhador, não no significado dos mitos, das culturas ou dos estereótipos, que não são compartilhados pela ação da natureza (MENEGETTI, 2021. p. 41).

No mesmo livro, o autor trás um sonho fictício para confirmar sua afirmação anterior, nele, conta um sonho onde uma senhora sonha que está em uma igreja muito bela, limpa e com muitas velas, mas sem janelas. O relato deste sonho poderia indicar para muitos que essa senhora se sente bem na religião que segue, que para ela aquela igreja é adequada ou até

Humanismo e Ontopsicologia¹

POR ANTONIO MENEGHETTI

1. PREMISSA

O meu passado cristão me consentiu me tornar um humanista em sentido clássico, histórico, dando-me a responsabilidade racional sobre o que é o homem, como fazê-lo, como sê-lo, porque *o homem é sempre maior do que as suas crenças*. Quando o homem crê, significa que perdeu a evidência e a segurança da práxis: caiu na dúvida e confia nos testemunhos e na esperança.

Como cientista, constatei o que o filósofo Edmund Husserl (1859-1938) denunciava e demonstrava, ou seja, que faltava à humanidade a segurança de uma ciência exata². Desde então ninguém respondeu ao desafio que Husserl propunha a todos os cientistas. Ele sustentava que havia outra estrada – que, porém, ele mesmo não conhecia – na qual era possível dar *critério operativo*

de realidade ao existir e ao fazer do homem.

Além disso, eu tive a experiência da falência do humano, porque, sobretudo a Segunda Guerra Mundial foi combatida entre cristãos, isto é, era o emblema do homem contra o humano³.

Naquele momento entrei em crise e, através de dez anos de práxis clínica de sucesso, descobri *uma racionalidade elementar que é ínsita à radicalidade do homem natural*. Ao se compreender o homem podemos salvar tudo, sobretudo a possibilidade da sua racionalidade no plano existencial (pedagogia e sociologia). Portanto, trabalhei e obtive resultados que hoje me constituem um homem sereno, que tem vontade de participar com quem deseja este espaço de realização.

¹ Reelaboração da conferência realizada pelo Acadêmico Professor Antonio Meneghetti no Centro Internacional de Arte e Cultura Humanista “Recanto Maestro” (RS-Brasil), no dia 07 de março de 2010, na ocasião da Cerimônia de Inauguração da nova sede da “Antonio Meneghetti Faculdade”.

² “[Em um ciclo de] conferências realizadas em Viena e em Praga em 1935, Edmund Husserl obrigou-se a admitir a impossibilidade de encontrar resposta aos interrogativos profundos do humano através do uso das assim chamadas ciências exatas. Husserl, partindo da observação inicial de uma crise da humanidade europeia, denunciou uma realidade em ato muito mais profunda, evidenciado pelo título originário do ciclo de conferências de Praga: ‘A crise das ciências europeias e a psicologia’.” MENEGHETTI, A. *Manual de Ontopsicologia*. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicologica Ed, 2010. Cf. HUSSERL, E. *La crisi delle scienze europee e la fenomenologia trascendentale*. Turim: Il Saggiatore, 1961. As primeiras partes da obra *Die Krisis der europäischen Wissenschaften und die transzendente Phänomenologie* foram publicadas na revista “Philosophia”, de Belgrado, em 1936.

³ Depois das duas guerras mundiais onde o homem sob o signo cristão (as nações participantes eram de cultura cristã) provocou conflito contra si mesmo, o planeta do homem – 1940-1980 – se caracterizou pelo bolchevismo e pelo deus americano do dólar (*In God we trust* e *God qui annuit coeptis, incipit novus ordo saeculorum*). O primeiro conteve o homem dentro do materialismo dialético como última letra do alfabeto (em russo, o pronome “eu” se traduz “я” [ia], que é a última letra do alfabeto), como uma bolha malcheirosa dos séculos (Maiakovski), capaz somente de proliferar outros similares sem evolução. O segundo fundamentou um sistema corporativo capitalístico que ativa, através de categorias democráticas, a colonização e clonagem dos cérebros. Com a Ontopsicologia se faz a revisão crítica da consciência (egoceptividade) para torná-la reversível com a percepção real (extero e proprioceptiva). Com isso se abre a funcionalidade de ser e fazer segundo o projeto evolutivo do Em Si do homem.

2. HUMANISMO E ONTOPSICOLOGIA

O homem é um ente inteligente social (*comunidade do ser*), animal-vegetal, racional-histórico. O conceito de *socialidade* é imanente na individuação do ente homem⁴: somos necessitados – pelo intrínseco do nosso espírito – a amar e estar com os outros, porque o outro também sou eu. Isso deriva do fato que cada homem que existe é gerado e partícipe do ser geral que a todos nos colocou.

Animal-vegetal: é o aspecto biológico do homem, que é bastante evidente.

Racional-histórico: “racional” significa que confronta, compreende, mensura, verifica; porém é também histórico⁵, isto é, muda em tempo e espaço. A nossa lógica – por natureza – é essencial no critério e metamórfica na aplicação segundo a exigência das diversas situações⁶. Portanto, no contexto histórico cotidiano, a racionalidade humana deve ser adaptativa, mais do que a política⁷.

Este ente inteligente em existência social pertence à categoria universal da *constante H*⁸. Da mesma forma que em física e em matemática se fala das constantes (por exemplo, a constante de Planck, de Hubble etc.), existe também a constante H, que é *um projeto interplanetário galáctico que define um formal de inteligência*. Tal constante é *uma forma inteligente, espiritual, livre, com racionalidade capaz de compreender diversos ambientes existenciais (a Terra é um dos possíveis), e diversos modos de existir como individuação físico-histórica*: a virtualidade é igual, porém, a fenomenologia pode ser diferente. Por exemplo, o homem no planeta Terra

possui um determinado corpo animal-vegetal, baseado sobre uma química atômica, cujos compostos são codificados por meio do DNA⁹; todavia, em outros planetas e universos a entidade homem pode existir em um composto químico-físico diferente¹⁰. Logo, diversidade de compostos químico-físicos, mas identidade de forma inteligente racional. Tudo isso se verifica a partir de profundas pesquisas evidenciadas nos traçados psíquicos do inconsciente pluri-milenar do humano, através das quais se deduz que o ser humano de hoje é o resultado de épocas de muitos milênios atrás.

Por tal projeto de pertencimento à constante H, o homem é parte intrínseca da criação histórica do universo.

Pelo seu livre arbítrio¹¹ pode fazer bem ou mal, evolução ou destruição de si e de tudo o que dele depende. A possibilidade de livre arbítrio determina não a perfeição estática necessária, mas o assim chamado bem e mal, isto é, o homem se autoconstitui continuamente nesta história individual, planetária em dúplice possibilidade constante: autodestruição (nihilismo existencial), ou evolução a um pleroma ôntico (visão edênica). O homem é um iniciado, faz parte de um programa da geração em ato. Todavia, a vida da constante H sobre este planeta poderia até mesmo desaparecer¹². Portanto, o homem deve assumir uma *responsabilidade* não somente frente à espécie que habita este planeta, mas também no jogo de outras conexões¹³.

Tudo isto se configura e se especifica no que se define “Em Si ôntico”¹⁴: um princípio seminal do que vulgarmente se chama “alma”, “intelecto” etc. É o formal que dá a identidade de existir.

Cada um de nós é único, irrepetível e gerido pela participação do ser na

existência. Mas, a partir do momento em que cada homem existe como indivíduo, tem implícita uma ordem, um projeto, um critério. Ao se adequar a este critério, evolve-se na contemporaneidade das outras leis da física, da natureza, do universo e, portanto está bem, é realizado e caminha na satisfação. Se não se adéqua a este princípio, sofre, está mal, porque não é conforme à própria identidade ôntica. Por isso, a regra do prazer e da realização é *fazer racionalidade histórica em conformidade ao princípio (Em Si ôntico)*, do qual cada homem – pelo fato que existe como humano – é partícipe, possuindo-o em dote de natureza. O fato de que seja um *virtual*¹⁵ implica vontade, preparação, trabalho, a dura história do fazer-se, do devir, do construir-se. Realmente, cada homem é construtor da própria vida.

O homem é um projeto seminal (virtual) do ato criativo do Espírito que dá o critério às leis do universo.

O Em Si ôntico é fundamental em toda a Ontopsicologia. Quando intervenho como consultor, por hipótese em um caso de doença, o meu critério não é a medicina, a psicologia, a filosofia, a religião, a minha experiência etc.; cada homem já possui o próprio critério, e a doença inicia quando o sujeito é contra a própria identidade de natureza. Por isso, para estar bem é suficiente reconstruir a consciência e o comportamento do sujeito em conformidade a este critério¹⁶, o qual se expõe antes de tudo em modo *biológico*: beber boa água potável faz bem, beber água não potável faz mal, e assim por diante.

O critério que já temos ínsito por natureza é químico, físico, biológico, e inteligente, espiritual, altamente moral. Isso depende do fato que o *Em Si ôntico apela à constante H*, portanto a um

⁴ Cf. ‘A origem da socialidade’, em MENEGHETTI, A. *A crise das democracias contemporâneas*. Recanto Maestro: Ontopsicologica Ed, 2007.

⁵ Do grego ἱστορέω [istoréō], que por sua vez deriva de ἵστημι [ístemi] = coloco, ponho, estou e ῥέω [hréō] = escorro.

⁶ Uma coisa é a época glacial, outra é a época da estiagem; uma coisa é a época de uma sociedade capitalista e escravista, e outra é a da democracia coletiva. Uma coisa é uma sociedade sadia, outra coisa é uma sociedade doente de AIDS. Uma coisa é uma sociedade atea, outra uma sociedade religiosa, e assim por diante.

⁷ Um grande político muda o mundo, mas jamais a grande verdade. Portanto, deve saber se adaptar através de uma racionalidade de serviço.

⁸ Cf. MENEGHETTI, A. *O critério ético do humano*. Porto Alegre: Ontopsicologica, 2002. Segunda parte. Cf. de Max Planck (1858-1947), a coletânea *La conoscenza del mondo fisico*, Torino: Einaudi, 1942; e de E. Hubble (1889-1953), *The realm of the nebulae* (O reino das nebulosas), New Haven, 1936.

⁹ Cf. MENEGHETTI, A. *Genoma ôntico*. 2. ed. Recanto Maestro: Ontopsicologica, 2003.

¹⁰ Considerar que a humanidade esteja presente somente sobre o planeta Terra é fascismo infantil.

¹¹ O homem é um inteligente *racional*: “inteligente” poderia parecer somente perfeição de ser, mas o fato de que seja também “racional” significa que entra nas partes, comparando o mais e o menos, o belo e o feio etc. Portanto, já esta capacidade de discutir e de verificar diversas partes opostas, às vezes em contradição, implica a possibilidade do livre arbítrio, isto é, fazer ou não fazer.

¹² Por exemplo, caso seja levada adiante a pesquisa sobre o urânio, de modo incontrolado.

¹³ Com isto não quero afirmar que o ser humano sobre o planeta Terra precisa da ajuda de povos de outros planetas: é perfeitamente capaz e autossuficiente de gerir um primado de serviço responsável à própria existência, ao próprio planeta e a tantos outros projetos.

¹⁴ Cf. MENEGHETTI, A. *O Em Si do Homem*. 5. ed. Recanto Maestro: Ontopsicologica Ed, 2004.

¹⁵ “Virtual” é uma das quinze características do Em Si ôntico e significa que “cada atividade sua ou crescimento é sempre inerente a um projeto formal que se explicita em efeitos polivalentes dependentes de uma idêntica forma, a qual antes de efetuar-se resta apenas possível. O conceito de virtualidade não significa um programa fixo, mas disponibilidade à amplitude de um projeto que, no início, é apenas essencial, cuja realização depende do acontecimento conjunto de outras causas; a virtualidade não significa necessidade do fruto, mas possibilidade”. MENEGHETTI, A. *Dicionário de Ontopsicologia*. 2. ed. Recanto Maestro: Ontopsicologica Ed, 2008. p. 92-93.

¹⁶ Cf. a conferência sobre o tema ‘Psicossomática do câncer’, realizada pelo autor em 14 de novembro de 2009, no Centro Internacional de Arte e Cultura Humanista “Recanto Maestro” (RS-Brasil).

princípio universal da vida. Exatamente como na física são elaboradas algumas leis, mas isso não significa que são os físicos que as constroem: os cientistas simplesmente as evidenciam a partir dos experimentos e, através de uma série de induções, ao final chegam à dedução de um princípio universal sobre aqueles comportamentos, sobre aqueles corpos, naquelas situações.

A característica fundamental do *Em Si ôntico* é a racionalidade de encontrar, fazer e compreender as coisas segundo o critério da própria identidade físico-histórica em ambiente existencial definido. Isso significa que o tipo de civilização, ciência etc., que o homem construiu não é o único possível. Suponha-se que se tivesse construído uma civilização baseada sobre a química ao invés da física: com duas ou três gotas, no espaço de uma hora, poder-se-ia fazer crescer uma árvore de 30 ou 40 metros, deslocar uma casa etc. De fato, as reações da química são muito mais fortes do que aquelas descobertas na física, mas, de qualquer modo, foi tomada esta estrada e se continua deste modo. Também em âmbito econômico, o petróleo não é essencial, nem é o mais econômico ou o melhor. Todavia, através do petróleo (ou da gasolina e outros derivados), se dá trabalho a milhões de pessoas; porque hoje o problema fundamental não é a pesquisa em si, mas dar emprego a todos, uma vez que o trabalho é a base da dignidade para todo indivíduo, e se não existe dignidade, os humanos se destroem entre si¹⁷.

“Critério da própria identidade físico-histórica, em ambiente existencial definido” significa que cada um de nós acontece com uma exceção precisa: a partir do momento em que cada um está aqui, agora e assim, consequentemente tem problemas e oportunidades, por isso pode escolher, organizar, ter êxito ou ser vencido.

O ser é, e quando se individua, existe como indivíduo específico. A individuação se faz através de matéria e de forma em tempo e espaço. Daqui o ser se faz existente. Mas contemporaneamente, enquanto existe, mantém a própria transcendência.

No meu *Em Si ôntico* eu sou

contemporaneamente também fora da presença do meu corpo em tempo e espaço. Isto é, posso conceber e saber para além das restrições químico-físicas das coordenadas espaço-temporais. Por isso, a minha inteligência transcende qualquer aparência de materialidade, mesmo que eu seja mortal: no momento em que participo deste critério da identidade do ser que existe enquanto eu, eu sou contemporâneo à eternidade da vida.

No acontecimento individuado (físico-histórico) sofre o antes e o depois de tempo e espaço, na dialética de todas as variáveis similares e opostas da fenomenologia dos pluralismos existenciais.

O *Em Si* do homem existe enquanto se atua a congruência entre identidade ôntica, identidade de natureza biológica e correspondência da práxis interativa, ou projeto de metabolização da autóctise histórica.

Nós nascemos, nos geramos; mas depois, a cada dia, o homem gera a si mesmo, e continuamente pode crescer ou regredir. Cada escolha faz consequência a outras escolhas. Portanto, o homem está bem se está em coincidência com este projeto ôntico, enquanto está fora do jogo quando faz arbítrio fora do critério que o faz existir.

A imortalidade é relativa: pode existir ou não existir. Decisivo é viver como: em conformidade ou deformidade com o próprio projeto que sempre se ritma com o projeto universal da vida, enquanto, ao invés, não é lógico o investimento fora do critério ou episteme do individual *Em Si ôntico*. Caso seja conforme ao próprio critério, o homem vive feliz; quando se distancia deste princípio – que é a racionalidade histórica total do nosso existir individual e social – o indivíduo está mal.

O *Em Si ôntico* foi a descoberta fundamental à qual pude chegar por meio de ciência experimental¹⁸. Também a filosofia ontopsicológica¹⁹ não nasce de conceitos, mas de experiência clínica, histórica, em todos os diversos campos onde é aplicada, porque o critério utilizado é sempre o *Em Si ôntico*, que o outro já possui insito em si mesmo, mas que não conhece por erros, por morais e por sobreposições de estereótipos não

funcionais²⁰.

Eu, em sintonia com o projeto local do mundo-da-vida, e com a ordem do ser em si. Daqui ressalta-se a dignidade, a responsabilidade e a estética feliz de ser homem ontológico neste e outros planetas.

O *Em Si ôntico* é para o homem o critério dos critérios. Mesmo na hipótese de um deus pessoal absoluto, este critério permanece imprescindível. Ele se revela subjetivamente, mas funda-se no realismo objetivo do ser.

O *Eu* é posto pelo real (ou ser em si), mas quando se reconhece é o *Eu* que se fez real e depois existência. Ou seja, sou eu que me constituo tão logo me reconheço. O ser começa, mas eu defino.

Tudo isto é sempre, e é enquanto o *Eu* conhece, ou seja, tudo é real enquanto eu existo, tudo é problemático enquanto eu existo; antes ou depois do meu existir, tudo é nulo.

Além disso, sem o *Eu* também o ser não existe para o *Eu*. O problema de Deus, da morte etc., existe sempre depois do “*Eu*”, e tudo é responsabilidade enquanto eu existo para mim. Sem mim nada tem significado e nada existe para mim.

A perenidade do ser sem o *Eu* é o nada que exclui qualquer hipótese ou problema. Eis porque é indispensável fazer metanoia²¹: para ter um *Eu* exato, capaz de fazer reversibilidade com o ser. Se o homem tem uma consciência exata, pode intercambiar entre existência e ser, porque contemporaneamente, enquanto existe, é também o ser. Mas para esta passagem – metanoia – é necessário refazer do início a autenticação do próprio *Eu* lógico-histórico, isto é, conformar o próprio *Eu* lógico-histórico²² à intencionalidade do próprio *Em Si ôntico*.

Entretanto, eu, aqui, agora, sou e, por consequência, ajo e me amplio no ser. Existir como homem é oportunidade e empenho de fazer criação em amor e exaltação. Amor²³, porque é belo fazer e realizar e, portanto, conseguir amar. Saber amar é um ponto de chegada. Todos pretendem amar, mas quase ninguém é capaz de amar, porque para amar o outro se deve conhecer o que é mais útil e funcional para a sua identidade.

Os conceitos ontopsicológicos de unicidade e irrepetibilidade para cada

¹⁷ Ibid.

¹⁸ Cf. MENEGETTI, A. *Ontopsicologia Clínica*. 3. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica, 2005.

¹⁹ MENEGETTI, A. *Filosofia Ontopsicológica*. 5. ed. Florianópolis: Ontopsicológica, 2003.

²⁰ Cf. o conceito de “diretividade” em Ontopsicologia, no capítulo ‘A psicoterapia individual’, de MENEGETTI, A. *Manual de Ontopsicologia*. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica, 2010.

²¹ Do gr. μετανοέω [metanoéo] = mudança de mente. Significa: mudança de consciência.

²² “A parte lógica e consciente de todas as operações voluntárias, responsáveis, reflexivas, inteligentes, racionais, mnemônicas etc. Estrutura mediatrix entre o real introverso e o real extroverso, e vice-versa. É o ponto onde acontece a tomada de consciência, de responsabilidade, de voluntarismo, de racionalidade”. MENEGETTI, A. *Dicionário de Ontopsicologia*, op. cit., p. 112.

²³ “Do lat. *a me oritur* = surge de mim. Ação com investimento egóico para o outro (e não substituição do outro). Participar do próprio íntimo em desenvolvimento do outro”. Ibid., p. 25.



indivíduo propõem o pluralismo infinito de psicologias e culturas, de tradições e inovações, exatamente como se possuem várias linguagens para exercitar aquela razão atemporal e soberana da mente ou intelecto que explicita o Em Si ôntico.

Nós temos muitas línguas (italiano, francês, russo, português etc.) para agir a mesma razão, lógica, direito etc.: múltiplos idiomas e culturas, mas unidade na identidade racional.

Esta multiplicidade de culturas e tradições é fundamental para a nossa existência: *monoculturas não são previstas pela lei da vida*, isto é, o ser quer o pluralismo, porque, se falta a multiplicidade como variedade, que interesse o ser tem em manter as individualizações? O ser já é tudo, e se diverte a admirar como as diversas existências jogam. Portanto, a novidade, a criatividade, a espontaneidade, o jogo sem fim, a cena infinita da criação. E isto faz estupor, curiosidade, atração, maravilha, êxtase.

O pluralismo é a necessidade de viver a existência. A grama é vida, a água é vida, a sociedade é vida, a bactéria é vida, o cavalo é vida etc. Quão opostos são os lugares da vida! E ainda assim participam, enquanto diversos, do único ato. Se reduzidos à monocultura do único ato é a morte específica de cada diferente.

Enquanto existo, eu sou ser, e participo dos seus princípios essenciais, menos da autossustentência²⁴. De fato, eu existo começado e termino. Vê-se por evidência.

O ser: é, uno, bom, verdadeiro, belo. Estes cinco aspectos são tais por natureza, por lógica intrínseca. A partir do momento que o ser é, é; é uno (pessoa, indivíduo); é bom; é verdadeiro; é belo. Então eu posso conhecer aquilo que é, porque o ser é; uno ou dividido, porque nasço da unidade do ser; bom ou ruim, porque nasço da bondade do ser; verdadeiro ou falso, porque nasço do verdadeiro do ser; belo ou feio, porque nasço do belo do ser. Daqui nasce o fundamento para o problema crítico do conhecimento²⁵: como

“Nós nascemos, nos geramos; mas depois, a cada dia, o homem gera a si mesmo, e continuamente pode crescer ou regredir. Cada escolha faz consequência a outras escolhas. Portanto, o homem está bem se está em coincidência com este projeto ôntico, enquanto está fora do jogo quando faz arbítrio fora do critério que o faz existir.”

²⁴ Cf. ‘Il problema della “causalità”, del “fine” e l’essere per sé sussistente’, em MENEGETTI, A. *Dalla coscienza all’essere: come impostare la filosofia del futuro*. Roma: Psicologica, 2009.

²⁵ Este argumento é discutido no capítulo ‘A insubstituível função da Ontopsicologia’, em MENEGETTI, A. *Manual de Ontopsicologia*. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicologica, 2010.

A psicanálise surgiu no final do século XIX através do trabalho do médico neurologista Sigmund Freud (1856-1939) como um método clínico e uma teoria do funcionamento psíquico, fundamentada a partir de observações clínicas e reflexões teóricas sobre o inconsciente, os sonhos, os desejos e os conflitos internos.

O surgimento da psicanálise está diretamente ligado ao desenvolvimento das ciências médicas em geral. Em decorrência da relação de Freud com a medicina e outros médicos que, de certa forma, o auxiliaram durante o processo, pode-se afirmar que a psicanálise está associada, inicialmente, a aspectos neurológicos e psiquiátricos, porém ao longo do seu desenvolvimento passa a transitar por diversas áreas. (LEITE; MACEDO; ANDRADE, 2021)

A obra considerada o marco inaugural da psicanálise como teoria e método clínico por muitos estudiosos é o livro “A Interpretação dos Sonhos” publicado em 1900. Diferente da ontopsicologia, que interpreta os sonhos a partir de critérios biológicos e do Em Si ôntico, a psicanálise freudiana entende o sonho como uma expressão simbólica do inconsciente, antigamente, frequentemente associada à realização de desejos reprimidos. No mesmo livro, Freud descreve como alguns critérios externos e internos do sonhador podem interferir diretamente e indiretamente na formação de seus sonhos, são eles: memórias do estado em vigília, estímulos sensoriais externos e internos, alucinações hipnagógicas, estímulos somáticos orgânicos internos:

Memórias do estado em vigília: Na seção “O Material dos Sonhos - A Memória nos Sonhos”, Freud relata que é possível que nos sonhos das pessoas, informações ou conhecimentos até então desconhecidos por elas enquanto acordadas, surja, como sonhar com um nome estranho e descobrir tempos após que se trata de algo que realmente existe, mas que o sonhador frequentemente não lembra como e quando aprendeu sobre essa informação. Uma melhor descrição dessa dinâmica é um exemplo usado pelo autor fornecido por Joseph Delboeuf, na qual durante o sonho, relata ter alimentado pequenos lagartos com folhas de uma samambaia na qual ele sabia o nome dentro do sonho, se chamava “*Asplenium ruta muralis*”, porém, ao acordar, mesmo sabendo poucos nomes de plantas em latim, não se recordava deste, mas, incrivelmente 16 anos depois, ainda lembrando deste sonho, encontrou um antigo diário próprio na qual escrevia e ilustrava plantas com seus respectivos nomes em latim, e nele estava a mesma samambaia na qual sonhara, porém o nome real era “*Asplenium ruta muraria*”, identificando que teria escrito aquele diário dois anos antes de ter tido aquele sonho (FREUD, 2001. p. 31-32). Outro exemplo também relatado na mesma obra é de Marquês d’Hervey:

O mesmo autor [...] conta como um o músico seu conhecido ouviu num sonho, certa vez, uma melodia que lhe apareceu inteiramente nova. Só muitos anos depois foi que ele encontrou a mesma melodia numa velha coleção de peças musicais, embora ainda assim não pudesse recordar-se de tê-la examinado algum dia (FREUD, 2001. p. 33).

Estímulos sensoriais externos: Ao dormir, não é incomum que certas partes do corpo fiquem expostas ao frio ou cobertas demais para provocar calor, até mesmo sons indesejados ou toques e vibrações causados por terceiros venham a perturbar o sono. Freud traz diversos exemplos de fatores externos perturbando o sono das pessoas e acabando por se transformarem em imagens e símbolos diferentes dentro de um sonho ocorrido, como no caso de uma citação que ele faz do filósofo Georg Friedrich Meier, que sonhou que estava sendo dominado por um grupo de homens que o estenderam de costas para com o chão e enfiaram uma estaca na terra no espaço entre seu primeiro dedo do pé e o segundo, ao

acordar, Meier percebeu que havia um pedaço de palha entre seus dedos, em outro sonho do mesmo sonhador, ele havia dormido com uma camisa com a gola demasiadamente apertada, e então, sonhou que estava sendo enforcado (FREUD, 2001. p. 43). Freud também relata outro sonho modificado por um fator sonoro, desta vez, a explosão de uma bomba.

Garnier (1872) conta como Napoleão I foi despertado pela explosão de uma bomba enquanto dormia em sua carruagem. Sonhou que estava novamente atravessando o Tagliamento sob o bombardeio austríaco, e por fim, sobressaltado, acordou gritando: “Estamos perdidos!” (FREUD, 2001. p. 45).

Estímulos sensoriais internos: Tal qual os estímulos sensoriais externos interferem nos sonhos a partir da atuação de fatores externos ao corpo sendo capturados pelos nossos órgãos sensoriais, os estímulos sensoriais internos são sensações dos próprios órgãos sensoriais sem influência do ambiente, como por exemplo zumbidos nos ouvidos, palpitações, formigamento e pontos luminosos percebidos com os olhos fechados.

Alucinações hipnagógicas: As alucinações hipnagógicas, ou hipnagogia, são como visões ou imagens vívidas geradas pela atividade cerebral no limiar do sono, são menos estruturadas, são curtas e fragmentadas comparadas aos sonhos. Freud explica o fenômeno ao citar Louis Ferdinand Alfred Maury, estudioso e médico francês, que, segundo suas experimentações ao praticar muito relaxamento mental e já ser sujeito às mesmas, obteve alucinações, como uma vez em que estando com fome por estar em um regime frugal, teve um visão de um prato e uma mão segurando um garfo, que servia comida naquele prato (FREUD, 2001. p 50-51).

Estímulos somáticos orgânicos: De modo similar na ontopsicologia com o critério organísmico de interpretação de sonhos, Freud trás como embasamento aos estímulos somáticos orgânicos diversos especialistas na área da medicina que alegam que fatores como doenças em órgãos e estímulos corporais podem interferir nos sonhos. O neuropsiquiatra Philippe Tissié, acreditava que o órgão afetado dava cunho característico ao conteúdo do sonho, por exemplo, um sonho curto com fim mortal ou assustados implica doença cardíaca, sonhos que envolvem sufocação, grandes aglomerações e fugas refere-se a doenças pulmonares (FREUD, 2001. p. 53). O psiquiatra Krauss, por sua vez, sugere que o processo pela qual imagens oníricas surgem se dá com base em grupos de sensações, como as musculares, respiratórias, gástricas, sexuais e periféricas, onde a sensação evoca uma imagem conforme uma lei de associação (FREUD, 2001. p. 55).

A interpretação de sonhos na psicanálise não é um mero processo adivinhatório, mas sim um método clínico rigoroso que se baseia em uma série de critérios desenvolvidos por Freud, critérios esses que podem ser divididos em conceitos fundamentais do aparelho psíquico onírico e os mecanismos do “trabalho do sonho”, o processo que transforma ideias, desejos e pensamentos latentes em imagens manifestas, a seguir a descrição de todos:

Conteúdo manifesto e latente: Todo sonho, na psicanálise, é dividido em conteúdo manifesto e latente, sendo conteúdo manifesto o próprio relato onírico do paciente, ou seja, tudo aquilo que ele é capaz de lembrar a respeito do sonho que tivera, já o conteúdo latente são os desejos e pensamentos inconscientes escondidos dentro da narrativa onírica;

Condensação: A condensação é o ato do aparelho psíquico de unificar diversas idéias ou conteúdos inconscientes em um único elemento dentro do sonho, como por exemplo um paciente sonhar com um homem de terno que parece com seu pai, o chefe ou o

ex-companheiro dele ao mesmo tempo, esse personagem condensado reúne características dos três: autoridade, julgamento e emoção;

Deslocamento: O ato do deslocamento é um mecanismo do sonho que transfere a representação de uma imagem verdadeira para outra (normalmente irrelevante), realizando um desejo de maneira disfarçada ou tornando o sonho adequado, por exemplo, o paciente está bravo com a própria mãe, mas no sonho briga com uma recepcionista de uma loja. A figura da recepcionista “desloca” a emoção para longe da pessoa real, a mãe;

Dramatização: A dinâmica da dramatização é o que garante ao sonho sua forma frequentemente narrativa, com personagens, cenários e ações, transformando pensamentos ou experiências em cenas visuais, tal qual uma encenação de um teatro, tornando os conteúdos latentes do sonho mais acessíveis. Por exemplo, o paciente ao ter medo de envelhecer sonha que um monstro envelhecido e enrugado o persegue, ou, sonha que está dirigindo um carro descontrolado, sendo o carro a representação de algo na vida do paciente que está “fora de controle”;

Elaboração: A elaboração, ou “trabalho do sonho”, é o processo que transforma os desejos inconscientes (conteúdo latente) em imagens “disfarçadas” (conteúdo manifesto) por meio do aparelho psíquico através da condensação, deslocamento e dramatização. Por exemplo, o paciente sente-se preso, portanto, anseia por liberdade, mas não admite isso, fazendo com que possa a vir sonhar que foge de uma prisão tornando-se um pássaro que voa. O “trabalho do sonho” disfarçou (e realizou) o real desejo com uma narrativa simbólica.

A interpretação de todos esses elementos só é possível através do método da associação livre. O analista convida o paciente a falar livremente sobre cada elemento do sonho, por mais trivial ou sem sentido que pareça. A regra fundamental é dizer tudo o que vier à mente, sem crítica ou censura (FREUD, 2001. p. 116). É nas associações do próprio sonhador que residem as chaves para decifrar os significados pessoais dos símbolos e das cenas oníricas. O que uma cobra simboliza para uma pessoa pode ser completamente diferente para outra, dependendo de suas experiências, memórias e conflitos internos. Quando instruo um paciente a abandonar qualquer tipo de reflexão e me dizer tudo o que lhe vier à cabeça, estou confiando firmemente na premissa de que ele não conseguirá abandonar as representações-meta inerentes ao tratamento, e sinto-me justificado para inferir que o que se afigura como as coisas mais inocentes e arbitrárias que ele me conta está de fato relacionado com sua enfermidade (FREUD, 2001. p. 513).

Na psicanálise, o analista não entrega uma interpretação final sobre um sonho, nem mesmo o sonho como um todo é interpretado em uma única consulta, mas sim, o mesmo é aberto em partes ou cenas e cada parcela é analisada individualmente em quantas consultas forem necessárias (FREUD, 2001. p. 114). Com base nisso, utilizando como referência os processos do trabalho do sonho, como a condensação, deslocamento e dramatização, compreende-se que o contexto do paciente também é um fator a ser considerado durante a análise.